



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE  
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado

CRISTINA DIAS NOGUEIRA

**Educação e memória na Amazônia a partir do olhar de  
Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**

Belém – PA  
2020



CRISTINA DIAS NOGUEIRA

**Educação e memória na Amazônia a partir do olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito parcial para a realização de Exame de Qualificação de Dissertação.

Área de concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia

Belém/Pa  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA**

---

Nogueira, Cristina Dias

Educação e memória na Amazônia a partir do olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro /Cristina Dias Nogueira; orientadora Denise de Souza Simões Rodrigues, 2020

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020

1. Memória. 2. Amazônia-Cultura. 3. Educação não formal. 4. Identidade (Literatura) 5. Monteiro, Benedicto-1924I. Rodrigues, Denise de Souza (orient.) II. Título.

CDD. 23° ed. 306.098115

---

Cristina Dias Nogueira

**Educação e memória na Amazônia a partir do olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_.Orientadora  
Denise de Souza Simões Rodrigues  
Doutora – Universidade Federal do Ceará  
Universidade do Estado do Pará

\_\_\_\_\_.Examinadora Interna  
Josebel Akel Fares  
Doutora – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade do Estado do Pará

\_\_\_\_\_. Examinador Externo  
Paulo Jorge Martins Nunes  
Doutor – PUC/MG  
Universidade da Amazônia

Belém – PA  
2020

*Por isso me refugiei num mundo onírico. Considerei o poder absoluto do sonho. Senti pela primeira vez, o poder do instinto e a força e o desejo de revolta. Só que os meus instintos, os meus desejos e a minha revolta, estavam completamente bloqueados naquela cela, atrás daquelas grades. Estavam como que abafados por aquela absoluta incomunicabilidade.*

Benedicto Monteiro por Nina Áurea Monteiro.

Ao meu companheiro, por sonhar e seguir lutando ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis de luta pela vida; ao nosso filho amado, tão sofrido pelas ausências e à orientadora deste trabalho por tão brilhante inspiração.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, por realizar o lindo milagre de me conduzir até o fim desta jornada.

A minha família, que sonhou comigo, lutou ao meu lado e me apoiou nos momentos mais difíceis, não me deixando desanimar, apesar de tantas dificuldades.

Ao meu marido, especificamente que, mesmo estando diante de tantas dificuldades e do maior desafio da sua vida foi o meu grande pilar, desde as seleções ao Programa de Mestrado e durante todo o curso, com dedicação extraordinária.

A minha orientadora que sempre foi tão dedicada, exigente e, ao mesmo tempo, tão generosa, cujo brilhantismo me inspirou como aluna e como orientanda, tornando as dificuldades apenas obstáculos.

Aos professores Dr<sup>a</sup> Josebel Akel Fares e Dr<sup>o</sup> Paulo Jorge Martins Nunes, que me deram a honra de compor a banca de qualificação, com sugestões que enriqueceram este trabalho, bem como a banca de defesa.

Ao brilhante escritor paraense Benedicto Monteiro (in memoriam) por ter deixado uma herança tão rica para a Amazônia.

À poetisa Wanda Monteiro por, generosamente, compartilhar a vida e a detalhes da obra do seu pai Benedicto Monteiro.

Ao grande apoio dado pela professora Elizabeth Costa Nogueira, que também tornou este sonho possível.

A todos os meus colegas de trabalho, que torceram por esta vitória.

Aos meus amados colegas da turma 14, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, com quem tanto aprendi e cujas amizades sinceras levarei para a vida.

À minha querida Lívia Faro, pelo apoio e amizade.

E aos meus queridos irmãos de orientação, incluindo a Thaís Nogueira e a Jéssica, pelo apoio, nos momentos mais difíceis.

## RESUMO

NOGUEIRA, Cristina Dias. **Educação e memória na Amazônia a partir do olhar de Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2020.

A Amazônia, seus homens e mulheres. É isto que conta o escritor paraense Benedicto Monteiro, através do herói Miguel dos Santos Prazeres, nos seus romances Verdevagomundo, O Minossauro, A terceira Margem, Aquele um e O Homem rio. Este trabalho investiga a cultura, a memória e a educação do amazônida, por meio do protagonista das obras supra referidas. A partir daí construir uma visão crítica sobre a Amazônia, considerando a memória e os processos educativos não formais, nas aventuras e nos conflitos vividos pelo herói de Benedicto Monteiro; visão esta necessária à superação da estereotipização do amazônida. Este olhar científico está se propondo a analisar esses aspectos das culturas inerentes à região, contextualizando, historicamente, estas obras literárias, através da Etnometodologia da Conversa, de Watson e Gastaldo, com o enfoque do materialismo histórico dialético, tendo como fundamentação Antônio Cândido, Peter Gay, Joël Candau, Clifford Geertz, Eni Pulcinelli Orlandi, Denise Simões Rodrigues, Peter Burke, entre outros. Através deste estudo, é possível compreender e analisar o processo de elaboração identitária cultural no personagem em foco, analisando a educação e a memória do caboco amazônida, aqui entendidos como fundantes para se compreender a história dos povos da floresta.

**Palavras chaves:** Memória, cultura, identidade cultural, processos educativos não formais, literatura.



## ABSTRACT

NOGUEIRA, Cristina Dias. **Education and memory in the Amazon from the perspective of Miguel dos Santos Prazeres, by Benedicto Monteiro**. Master's Dissertation in Education - Pará State University. Belém, 2020.

The Amazon, its men and women. This is what the Paraense writer Benedicto Monteiro tells us, through the hero Miguel dos Santos Prazeres, in his novels *Verdevagomundo*, *O Minosaurus*, *The third bank*, *That one* and *O Homem rio*. This work investigates the culture, memory and education of the Amazon, through the protagonist of the aforementioned works. From there, build a critical view of the Amazon, considering memory and non-formal educational processes, in the adventures and conflicts experienced by the hero of Benedicto Monteiro; This vision is necessary to overcome the stereotyping of the Amazon. This scientific look is proposing to analyze these aspects of cultures inherent to the region, historically contextualizing these literary works, through the Ethnomethodology of Conversation, by Watson and Gastaldo, with the focus of dialectical historical materialism, based on Antônio Cândido, Peter Gay, Joël Candau, Clifford Geertz, Eni Pulcinelli Orlandi, Denise Simões Rodrigues, Peter Burke, among others. Through this study, it is possible to understand and analyze the process of cultural identity elaboration in the character in focus, analyzing the education and the memory of the Amazonian caboco, understood here as fundamental to understand the history of the peoples of the forest.

**Key words:** Memory, culture, cultural identity, non-formal educational processes, literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>QUADRO1: OBRAS EM ANÁLISE.....</b>	<b>57</b>
---------------------------------------	-----------

## LISTA DE FIGURAS

<b>Fotografia 01:</b> Índios utilizando tecnologia.....	30
<b>Fotografia 02:</b> Mapa do Estado do Pará – Região do Baixo Amazonas.....	44
<b>Fotografia 03:</b> Igreja Matriz em Alenquer .....	45
<b>Fotografia 04:</b> Orla de Alenquer .....	46
<b>Fotografia 05:</b> Benedicto Monteiro aos 21 anos de idade .....	47
<b>Fotografia 06:</b> Benedicto Monteiro preso pela Ditadura.....	52
<b>Fotografia 07:</b> Benedicto Monteiro.....	55
<b>Fotografia 08:</b> Benedicto Monteiro.....	57
<b>Fotografia 09:</b> A tetralogia moteriana.....	58
<b>Fotografia 10:</b> Obra Verde vago mundo.....	60
<b>Fotografia 11:</b> Obra Aquele um.....	63
<b>Fotografia 12:</b> Pau mulato.....	64
<b>Fotografia 13:</b> Papagaio.....	66
<b>Fotografia 14:</b> Obra O minossauro.....	66
<b>Fotografia 15:</b> Obra A terceira margem.....	68
<b>Fotografia 16:</b> Rio Guamá.....	69
<b>Fotografia 17:</b> Obra O homem rio.....	70

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1. Memórias que inspiram e frustrações que desafiam: a motivação da pesquisa.....	13
➤ Objeto de pesquisa: importância, especificidades e objetivos.....	21
➤ Análise teórica.....	23
➤ Questões norteadoras e objetivos.....	26
2. O Estado da arte: teses, dissertações, livros e artigos publicados sobre o autor (acervos virtuais da CAPES/CNPQ).....	27
<b>SEÇÃO 2 – Percurso teórico metodológico</b> .....	29
2.1 A pesquisa, seus métodos e procedimentos.....	29
2.2 Técnicas de pesquisa.....	43
2.3 Locus da pesquisa: Alenquer/ PA – origem, refúgio e inspiração.....	44
<b>SEÇÃO 3 – Esboço biográfico de Benedicto Monteiro: ditadura militar e repressão política no Pará (1970 – 1980)</b> .....	47
<b>SEÇÃO 4 – O revisitar da memória: tramas e teias das identidades culturais na escrita de Benedicto Monteiro</b> .....	58
➤ A trajetória do caboco personagem Miguel dos Santos Prazeres: um breve olhar sobre os romances VERDEVAGOMUNDO; O MINOSSAURO; A TERCEIRA MARGEM; AQUELE UM e o HOMEM RIO.....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76

➤ A ficção, os saberes, a formação e educação do homem amazônico.....	76
Homenagem ao talento com a beleza da poesia.....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85
<b>APÊNDICES</b> .....	90
<b>ANEXOS</b> .....	91

## INTRODUÇÃO

### **1. Memórias que inspiram e frustrações que desafiam: motivação da pesquisa**

Encantamento: a principal motivação sobre a qual se estrutura esta proposta e a partir da qual foi construída a ideia inicial da pesquisa para o curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará. Quando falo em encantamento, o que pode parecer muito distante deste universo da ciência da e da pesquisa, refiro-me, necessariamente, ao encontro tão esperado com a linha de pesquisa saberes culturais e educação na Amazônia, no ano de 2016, como aluna-especial.

Foi o encontro com a disciplina Cultura, saberes e imaginário na educação amazônica<sup>1</sup> que me proporcionou o conhecimento acerca da importância da memória e dos processos educativos não formais para os povos da floresta. A Amazônia, espaço-tempo real que traz a história de homens e mulheres que, à luz do modelo de racionalidade ocidental vigente, têm sua cultura marginalizada por processos diversos provocados pelo sistema capitalista. O encontro proporcionou a leitura, em primeiro lugar, da obra do filósofo francês Jean Pierre Vernant, (1973) “Mito e pensamento entre os gregos: Estudos de Psicologia histórica”, através da qual entrei em contato com os elementos essenciais para a estruturação da memória, que é o mito tão presente no imaginário amazônico, importantes para a história de vida do homem da floresta, do amazônida. Na obra, o autor fala sobre a personificação das diversas funções psicológicas (tais como o amor, o medo, o ódio) na mitologia grega e como, nesta cultura, um processo educativo não formal, que era a poesia oral, garante a manutenção desta tradição por longos períodos, através das principais funções psicológicas, que são a memória e o esquecimento.

Em seguida, as leituras me propiciaram a experiência no que tange à estruturação lógica da memória, à luz da psicanálise, com Adélia de Menezes, “Do poder da palavra”. Assim, memória e esquecimento são categorias específicas dos temas dos debates à luz dos trabalhos de Maurice Halbwachs, Ecléia Bosi, Paul Zumthor, Jerusa Pires Ferreira, Michael Pollack e Jacques Le Goff. Depois do

---

<sup>1</sup> A disciplina é componente obrigatório do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade do Estado do Pará e visa desenvolver estudos e pesquisas sobre construções imaginárias e identidades culturais brasileira, focando interfaces com saberes e as práticas da educação na Amazônia.

encontro com Néstor Garcia Canclini em *Consumidores e Cidadãos*, surgem as discussões para uma reflexão acerca do papel do sistema capitalista na estrutura e evolução das diversas culturas, num processo de constante contato cultural, partindo deste, um conceito sobre o qual se estrutura o seu trabalho, além da hibridização cultural, temas de suma relevância para abordar o silenciamento e a desvalorização das culturas dos povos da Amazônia. No eixo 3 da disciplina, reencontramos a Amazônia, através de João de Jesus Paes Loureiro, Josebel Akel Fares, Benedito Nunes, Fábio Castro e outros, para os quais a cultura passa a ser entendida através da floresta e dos povos fruto de uma miscigenação.

Os aspectos relacionados às motivações que me aproximaram do objeto de estudo, posso falar que, além das discussões em sala de aula, a experiência como aluno especial me proporcionou, além do encontro com colegas e a vivência em meio acadêmico, o que aproximou cada vez mais desta temática, através dos temas relacionados à cultura amazônica, bem como dos processos educativos contextuais à região, diferente dos processos educativos desenvolvidos em instituições oficiais.

O conhecimento prévio da obra de Benedito Monteiro, atrelado aos temas da cultura amazônica, no final da disciplina, me fez refletir, especificamente, acerca dos processos educativos não formais, silenciados e postos à margem das discussões sobre educação, no contexto do amazônida. Tudo isso, contado de forma poética e descrita de maneira bastante familiar, na obra deste romancista. Soma-se a familiaridade de vivência pessoal em comunidades ribeirinhas e produtoras de farinha, na infância, com minha família materna, no interior da cidade de São Domingos do Capim. Acompanhei a plantação, a colheita, a lavagem, a prensa no tipiti, a coagem e a tostagem no forno de farinha, para se transformar no produto final, que é uma marca da economia e cultura local: particularmente, posso afirmar que poucas coisas são tão saborosas como uma farinha quentinha. Por isso, percebo que tais processos em costumes e tradições complexas são importantes em âmbitos social, econômico e essenciais para a sobrevivência destas comunidades, diante do processo de contato cultural e globalização vivida (CANCLINI, 2008) por essas comunidades, com a invasão da cultura ocidental e urbana.

Assim, quando reencontrei a obra de Benedito Monteiro e nas leituras que se aproximavam da ideia deste projeto, ou seja, a tetralogia amazônica de Benedito Monteiro, *Verde vago mundo*, *O Minossauro*, *A terceira margem*, *Aquele um e O homem rio*, vi nos seus diálogos e nas suas histórias, na vivência narrada pelo

personagem Miguel dos Santos Prazeres, todas as experiências contadas pelos homens da floresta na sua forma de se organizarem, economicamente, numa estrutura de produção e de subsistência. Além disso, as diversas funções e conhecimentos de Miguel dos Santos Prazeres, personagem que é o *alter ego*<sup>2</sup> e o principal narrador dos romances de Benedito Monteiro, as muitas atividades que envolvem o processo de produção da farinha, por exemplo, até a sua distribuição no mercado do Ver-o-peso, solicitam muitas habilidades, seguindo um processo bastante complexo, ensinado em comunidade, de pai para filho, em processos educativos não formais, de suma importância para a sobrevivência dessas pessoas. Funções essas que demonstravam inúmeras habilidades desenvolvidas por Miguel ao longo de sua convivência em comunidade, como sua função de canoeiro:

De tanto viver em riba d'água, que já nem me apercebo das enchentes. Aqui então, nesta equipe, que é tudo flutuante, o bico da minha canoa já não pode avaliar nem a água comendo as ribanceiras. Media o volume das cheias pela altura dos Barrancos. Quando a água engolia toda a terra da varja, passava a me guiar pelas marcas dos troncos das árvores. Mas aqui na equipe é o telhado das casas e os mastros e as bordas das lanchas que confrontam com as copas das matas. Sendo tudo de bubuia, não se descobre tanto que as águas sobem ou descem. (MONTEIRO, 2009, p.99)

Descobrir a Amazônia, a partir deste personagem, é reencontrar as narrativas<sup>3</sup>, o vocabulário, enfim, comparo a saga de Miguel dos Santos Prazeres a de minha família materna, que migrou do interior do Estado para a capital. Sinto muito presente nestas obras as vivências e os olhares da minha infância. Na forma como Miguel descreve o rio e suas viagens de barco, a minha infância passa a ser lembrada através da literatura.

A experiência promovida pela vivência no Programa de Pós-Graduação em Educação–Mestrado, ainda que como aluna-especial foi fundamental para (re)conhecimento de categorias fundantes nesta dissertação, cujo principal foco

---

<sup>2</sup> O *alter ego* de uma pessoa, em uma análise estrita, é um '*outro eu*', uma personalidade alternativa de alguém. Pode-se encontrar este termo tanto na literatura, nas interpretações de obras literárias, quanto na psicologia. É a identidade oculta de um ser fictício ou como um artifício do autor de um livro para se revelar ao leitor na pele de um personagem, de forma discreta e indireta. Em geral ele apresenta muitas das características de seu criador, as quais podem ser descobertas em uma análise mais profunda. Como por exemplo, Batman, alterego de Bruce Wayne; Homem-Aranha, de Peter Parker; Hulk, de Bruce Banner; Clark Kent, em contrapartida, do Superman, representando, assim, uma inversão da história dos super-heróis, pois, neste caso, não há um herói embutido em um ser comum, mas um personagem verdadeiramente heroico, que se esconde criando um sujeito fictício, que é o jornalista que representa o herói, e não o contrário.

<sup>3</sup> A narrativa é uma forma de contar uma história.



científico é o amazônida. As principais categorias sociológicas em análise deste trabalho sobre a cultura, saberes e identidades culturais no contexto destes homens e mulheres, face os processos homogeneizadores da globalização, são em seguida expostos, para melhor compreensão do olhar sobre as obras.

Assim, em primeiro lugar, o imaginário, tão importante para a compreensão dos aspectos inerentes às culturas dos povos da Amazônia, está relacionado à questão das representações sociais, uma outra categoria que vai buscar no conceito de representações coletivas em Durkheim a sua fundamentação (ORLANDI, 2005). Esta importância reside no fato de que as culturas dos povos da Amazônia são marcadas pelo mitológico, como mais uma vez se enfatiza, tendo como principal elemento os aspectos da natureza como a fauna e a flora. Relacionando-os a questões morais e práticas, que são relevantes no cotidiano das comunidades da Amazônia, animais diversos, plantas e até o próprio rio acabam tomando vida e assumindo o papel totalmente diverso do parâmetro do homem ocidental e urbano.

Daí a existência das narrativas amazônicas, que materializam o imaginário desta região, de forma literária, poética e histórica. O que é representado através do olhar do personagem Miguel dos Santos Prazeres. Esta categoria, o imaginário, se define como a incontornável re-presentação, a faculdade de simbolização, de onde todos os medos, todas as esperanças e frutos culturais jorram continuamente, desde um milhão e meio de anos, que o *homo erectus* apareceu na terra. (DURAND, 2004, p.117)

Conceitos, vocabulários, costumes, processos produtivos, religiosidade, racionalidade são alguns dos aspectos construídos nas comunidades, cotidianamente, em processos educativos não sistematizados ou formalizados, nas relações estabelecidas dentro da comunidade, entre familiares e entre pais e filhos. Um dos aspectos da cultura do amazônida, descrito nas obras de Benedicto Monteiro é o mitológico, que representa os aspectos psicológicos como a coragem, o medo, o respeito pela natureza, a virilidade; bem como traz a miscigenação das diversas culturas que formam o povo caboco amazônida. Acerca da medicina popular amazônida, podemos identificar uma descrição completa e poética encontrada no premiado Verde vago mundo:

Mestre piranha nunca foi pajé nem feiticeiro. Negro firme e forte. Pescador é que ele era: só pescador, pescador do ofício. Morava sozinho na sua canoa e às vezes, tinha uma terrível intuição de médico. Curava muitas coisas, o

senhor pensa. Benzia, rezava, costurava carne e espinhela caída e dizem até que conversava com os peixes. Isso eu não afirmo. Mas os emplastos que fazia consumo das plantas curavam as coisas mais terríveis. Os chás das ervas, os remédios das raízes, a escolha das plantas que cresciam embaixo d'água mostravam que mestre piranha tinha muitos e muitos conhecimentos. Quebradura, era com ele: ninguém precisava procurar médico para se curar de hérnia. Ele curava as carnes com emplastos e rezas - tudo por cima - e o serviço ficava perfeito. (MONTEIRO, Verdevagomundo, 2009, p.156)

Outra categoria importante para esta pesquisa é o conceito de identidade, cujo conceito embasado em CANCLINI (2008, p.129), para o qual esta é uma construção que se fundamenta na territorialidade e na soberania estabelecida historicamente. Contextualizando-a dentro das Ciências Sociais, é um conceito que passa a ter espaço a partir de um novo paradigma neste campo (MINAYO, 1994, p 15), ou seja, quando os dados mensuráveis não mais abarcam a complexidade dos fenômenos sociais, sendo insuficientes para a demanda da ciência. Além disso, segundo CANDAU (2016, p.25/26), o termo identidade, de acordo com as Ciências Sociais:

Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação. Exemplos não faltam para mostrar que, de maneira constantemente renovada, os indivíduos percebem-se membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza nesse grupo: no domínio da ação política pensamos evidentemente nas teses racistas, nos projetos regionalistas ou étnicos e, de maneira mais geral, em todo discurso de legitimação de desejos nacionalistas; no domínio da ação cultural, podemos nos referir aos discursos veiculados por coletividades territoriais, estados, museus e mesmos instituições de pesquisas sobre as práticas patrimoniais. O objeto patrimonial que é preciso conservar, restaurar ou valorizar é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo: Os bretões, os franceses, os nuers, “nossos ancestrais” etc.

Assim sendo, a identidade cultural, no contexto amazônico, abarca todos os traços dos complexos identitários formados a partir de crenças, valores, posturas, atividades produtivas, formas de pensar e construções linguísticas, dentre outros aspectos culturais, que caracterizam o amazônida como determinado ator social, cujos parâmetros identitários são construídos a partir de bases etnoculturais diversificadas. Assim,

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, esta pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p. 22)

Mais ainda, ela é descrita através destas obras literárias, dada a sua importância para os estudos da relação do homem com a natureza e dos homens entre si. A forma de ser, de viver, de se expressar, de pensar deste homem é expresso através desses romances, das aventuras, das histórias contadas pelo caboco Miguel dos Santos Prazeres, pois, para CASTELLS (1999, p.23), esta categoria é resultado de uma construção, cuja fonte são os significados socialmente estabelecidos. Ou seja, é sobre as diversas nuances que caracterizam os comportamentos sociais difusos, que se constrói a identidade. São os formatos caracterizadores dos traços que compõem, desde a língua até os meios de produção que definem esta categoria teórica. O que leva a afirmação de que:

Nenhuma sociedade come, dança ou caminha de uma maneira que é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam maneiras de comer, dançar ou caminhar que, ao se tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão. (CANDAUI, 2016, p 24).

Trata-se, aqui, dos elementos, práticas e características sociais que fazem de um grupo humano uma unidade não apenas sujeitos em contato aleatório. Para que se estabeleça a natureza social da convivência entre os homens, é de suma importância alguns fatores de identificação coletiva. Como é o caso de todo o misticismo e o fantástico em torno da visão de mundo do caboco Miguel que, em todas as obras em foco neste trabalho, aparecem como influências dos dois homens de maior relevância para este personagem, que são seu pai e seu padrinho Possidônio, uma característica herança cultural. Ou melhor:

Não se trata apenas de herança no sentido material, mas também no sentido moral, ou seja, do valor atribuído a determinada filiação. Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constitui um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas. (POLLAK, 1992, p. 205)

Pode-se inferir, neste sentido, que a memória e identidade são estabelecidas coletivamente e assim fazem sentido. Quando Miguel se encontra em ambiente urbano, cujos valores e perspectivas passam a ser diferentes em relação à floresta e aos rios nos quais vive, trabalha, procria e atua no mundo; ele deixa de sentir a segurança que sentia nas suas habilidades, na sua identidade, tendo dificuldades em

se adaptar pois, segundo ele, é sobre as águas que ele constrói o seu pertencimento ao mundo.

Do que vale aqui, o meu nadar, o meu remar, o meu pescar, o meu caçar e o tino que eu tenho de andar em canoa e a cavalo? Do que vale aqui, o conhecimento que eu tenho, de andar nos matos? De mateiro. De conhecer os paus, as plantas, as frutas do mato e os bichos que a gente mata para saciar a nossa fome? E as aves e passarinhos que cantam pra gente ver e se alegrar? De que vale o meu conhecimento dos rios, onde eu andava e pescava com tanta liberdade? Onde, meu Deus, que eu posso, nesta cidade, exercer o meu trabalho, a minha liberdade e a minha felicidade? Se nem as distâncias eu tenho mais para sonhar. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.46)

Sobre memória, categoria igualmente relevante para a leitura do personagem Miguel dos Santos Prazeres no sentido da compreensão de como os processos educativos não formais se configuram no contexto do amazônida. Tomando uma base teórica acerca de mais este elemento, para Pollak, “A memória é um fenômeno construído social e individualmente quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e sentimento de identidade.” (POLLAK, 1992). Nesse sentido, a ideia de herança relacionada à memória, se refere a diversas relações sociais, que dão sentido a diversos costumes e atividades produtivas. Ou seja, Miguel passa a ser quem é a partir de suas relações de referência, aprendendo a lidar com a mata, com os rios, tanto que, diante de uma nova atividade, a qual não fora ensinada no espaço de origem, tampouco vindo do pai ou do padrinho Possidônio, ele jamais se identificou, que é a atividade de taxista, como ele mesmo nos conta: “Às vezes, dentro do carro, eu me sinto sem fôlego. Só vejo o mundo através do quadrado de vidro da frente ou das janelas do lado do meu carro. Tudo passando. E de relance. Rapidamente. Ou o que é pior, pelo retrovisor também, olhando para traz.” (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.97)

As categorias memórias e identidade também seguem relacionadas em Joël Candau, segundo o qual:

Se a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, como as de Proust na busca do tempo perdido, que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída “no interior de uma lembrança”. (CANDAU, 2016 p. 19)

Assim, os relatos do personagem apontam para a relevância das suas memórias, em que se configuram as relações genuínas e a construções de costumes e hábitos, que resultam tanto em sentimentos e pensamentos, como em habilidades. Exemplo disso é a forte religiosidade, que vem de sua família e das suas relações na comunidade; bem como a virilidade, vinda da sua convivência com o seu padrinho. Ambos os aspectos concorrem para a constituição da identidade de Miguel a um determinado espaço-tempo, que o faz não se adaptar a um contexto urbano.

Outra categoria relevante para a fundamentação deste trabalho é Cultura. Para a configuração deste trabalho, se busca a base em Clifford Geertz (2008, p. 04):

O conceito de cultura que eu defendo (...), é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Portanto, cultura é uma teia de significados. Esta ideia é a que mais se aproxima das interpretações que se tem extraído das leituras do acervo investigado. Os significados diversos que fazem com que o amazônida tenha uma atuação no mundo diversa da ideia do homem ocidental e urbano, são, em contrapartida, marginalizados e desvalorizados, num contexto globalizado. Tal como ocorre com o encontro do herói<sup>4</sup> de Benedicto com a cidade de Belém, momento descrito como conflito de autoestima para ele, que perde suas principais referências, quando se encontra em meio urbano, longe do rio, da mata e onde suas crenças passam a ser relativizadas, como é o caso do terçado que sempre o fez imponente e destemido.

Aprendi, não sei por que, que o silêncio da cidade é um silêncio terrível. Nunca imaginei que eu ia me sentir sufocado pelo silêncio. Pois o silêncio da cidade é muito doído. Nas matas, nos rios, durante o silêncio, tudo fica vivo. Mas aqui, parece que tudo fica morto-vivo. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 51)

---

<sup>4</sup> O herói é um arquétipo e reúne as qualidades idealizadas a uma pessoa que merece admiração das pessoas, como atitudes nobres, como coragem e grandes feitos.

➤ **Objeto de pesquisa: importância, especificidades e objetivos.**

O objeto de pesquisa é a tetralogia de Benedicto Monteiro, que é atravessada pela identidade cultural do personagem Miguel dos Santos Prazeres, tomando como base os romances *Verdevagomundo*, *O Minossauro*, *A terceira Margem*, *aquele um e O Homem rio*. Tendo esta como foco de análise, considerada a obra síntese da tetralogia. Nela se identifica a cultura – fundamentação da elaboração da identidade cultural – e os processos educativos não formais, identificados através da obra de Benedicto Monteiro, na Amazônia. Esta pesquisa justifica sua relevância acadêmica pelo reconhecimento do silenciamento das racionalidades diversas nessa região.

Tal relevância se justifica pelo fato de que, em conflito com o contexto ocidental, capitalista e urbano, o caboco amazônida produz cultura e conhecimento seguindo parâmetros diversificados, que são marginalizados no contexto global, tendo em vista sua linguagem, sua educação, sua medicina, sua racionalidade, sua memória; bem como tantos outros aspectos que caracterizam cultura, educação e história de um povo.

Tendo a linguagem como a principal fonte de material cultural, as obras em análise expõem as narrativas que contam as histórias e as experiências do caboco Miguel, seus valores, seus saberes, sua vida. Neste emaranhado de informações, a água recebe maior ênfase para a compreensão das nuances culturais dos povos da Amazônia. Logo é fonte dos mais diversos tipos de aprendizagens: laborais, poéticas, mitológicas, medicinais, etc.

Um aspecto de extrema relevância que fundamenta diversas nuances da cultura amazônica é o rio. A relevância é tanta, que o próprio autor destaca uma relação identitária que há entre o amazônida e o rio, na sua obra síntese: *O homem rio*. Além disso, este é o espaço-tempo de narração das aventuras, dos saberes, da economia e tudo aquilo que está relacionado com as memórias, promovendo todos os elementos culturais relatados pelo personagem.

Vale ressaltar que as águas assumem destaque na literatura comparada, o que aponta para a relevância deste elemento para a literatura e para a vida na Amazônia. Tal como para Benedicto Monteiro, autores como Dalcídio Jurandir apresentam destaque para as águas sendo este aporte da memória. Ou seja, o rio assume o lugar da memória, ao permitir atividades importantes, como o deslocamento, a distribuição dos insumos para a capital, a circulação, a representação das narrativas tradicionais,

entre outros aspectos históricos que fazem deste recurso natural um importante elemento que justifica a identidade cultural, caracterizando muitos aspectos da vida do homem na Amazônia.

E isso tudo é apresentado, nesta viagem, de forma bastante complexa através da experiência do personagem sobre as características hidrográficas da região:

Esses rios – depois eu vim saber – eles se enrolam nessas águas todas. Me disseram que são o Araguaia, o Tocantins, o Capim, o Acará, o Moju, o Jacundá, o Pacajás, o Araticu e o rio Guamá. Eles formam paresque o rio Pará. Eles formam até o próprio rio Amazonas na saída para o mar. Já o rio Amazonas, esse pai-d'égua então, me disseram que ele desemboca no oceano Atlântico, formando esse montão de ilhas na frente de Belém e nailharga da grande ilha do Marajó. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 10/11)

Trata-se, portanto, de um estudo que se debruça sobre a cultura e categorias afins, que se volta para a história de homens e mulheres que vivem à sombra da cultura urbana, letrada, ocidental. Nada pode descrever melhor a Amazônia do que seus rios, sua floresta, seus homens e suas histórias de vida. Miguel é o personagem que melhor caracteriza isto.

➤ **Análise teórica.**

Este trabalho seria um estudo de caso instrumental, que permite o entendimento de uma realidade mais ampla acerca da Amazônia, a partir do romance de Benedicto Monteiro.

(..) quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético).

Através das obras de Benedicto Monteiro, tendo em vista a perspectiva de análise apresentada por Antonio Candido, pretende-se alcançar os objetivos desta pesquisa, visto que o material histórico encontrado nas obras em questão é consistente, relevante e carrega detalhes do dia-a-dia dos homens da Amazônia. As narrativas se caracterizam pela densidade na descrição do contexto histórico das obras, por se encaixarem no realismo.

Nesse sentido, aspectos de suma relevância para a presente análise tomada da influência de Antonio Candido é a relevância do contexto social e histórico na obra literária e da obra literária no contexto:

A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocósmos, que tudo é tecido no conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra: (...) (CANDIDO, 1918, p. 5)

Classificados como romances modernistas de caráter realista, as obras analisadas, contam, minuciosamente, dentro das suas narrativas, aspectos fundantes das culturas do caboco amazônica, formadas a partir da miscigenação étnica de povos europeus, africanos e originários da Amazônia. Para tanto, personagem Miguel dos Santos Prazeres, ao carregar consigo todas as características relevantes para a constituição do perfil do amazônica, é um instrumento utilizado pelo autor para aproximar a obra do leitor, a partir dos aspectos linguísticos, emocionais, religiosos; de traços psicológicos; do ideário, no âmbito das representações, dentre outros tantos aspectos que a própria pesquisa apresentará,



que o autor Benedicto apresenta através do olhar do personagem, com a sua experiência com o homem do interior amazônico, o caboco amazônico.

Esses romances de Benedicto Monteiro, especialmente os dois primeiros, são escritos e publicados sob um estado de exceção e em caráter de urgência para denunciá-lo. O teor testemunhal deriva daí, mas não só. Vale dizer que a Literatura de Testemunho “é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes”, como afirma Seligmann-Silva (2005). É uma forma de expressão literária com fortes vínculos (não necessariamente sendo sempre um documento do real) e com um alto compromisso ético com a realidade histórica e não com a verdade histórica. (PACHECO, 2017, 3326)

Para esta análise em que se busca discutir aspectos da realidade, tendo a literatura como fonte, aplica-se a abordagem etnometodológica, de Haroldo Garfinkel, segunda a qual se rompe com as abordagens sociológicas tradicionais, focando aquilo que tradicionalmente esta ciência descartaria, como as pessoas do seu cotidiano em interação e a construção de seus saberes. Situando, especificamente, em etnometodologia da conversa, de WATSON e GASTALDO (2015), pois é através dos relatos do personagem, que carregam toda a estrutura linguística do caboco amazônica, que o autor expõe os aspectos de suma relevância para a presente análise, que são os aspectos culturais e históricos da Amazônia naquele tempo-espaço.

Assim, memória, identidade e educação cotidiana são aspectos bastante visualizados nas obras de Benedicto Monteiro, conceitos que se busca a fundamentação extensa em CANDAU (2016), CASTELLS (1999), LOUREIRO (1995), MACHADO (2002), entre outras fontes. E, como se trata de aspectos sociais cujas características fogem aos objetos das ciências tradicionais, de cujas fontes não têm registros, dada sua realidade histórica de marginalização e desvalorização, o que faz com que se configure a relevância das fontes orais para a elaboração histórica.

A história oral (PORTELLI, 2016) passa a guiar este trabalho, cujas fontes são, além de suas obras, os relatos de contemporâneos de Benedicto Monteiro, como é o caso de membros da sua família e companheiros de militância.

Para tanto, a Análise Crítica de Discurso (ACD), cujos signatários são PÊCHEUX (1938-1983) e ORLANDI (2000), que abre possibilidade para analisar o material da pesquisa, a partir de uma perspectiva que abarca os diversos saberes que surgem das práticas discursivas encontradas nas obras e na entrevista. O que é de suma relevância para a temática, dentro do recorte aqui produzido, cujo refinamento

no procedimento de análise, dentro do contexto dos estudos científico, nos diversos recortes sobre a Amazônia, requer buscar em RODRIGUES e MELO (2020) o olhar sobre as nuances e detalhes importantes para a abordagem aqui utilizada.

Portanto, a perspectiva analítica aqui proposta se volta para os aspectos orais e linguísticos, maiores indícios produzidos, a priori, neste trabalho. Para tanto, são laçados como instrumentos analíticos adequados a esta pesquisa de natureza qualitativa análise literária nos moldes de Antonio Candido (1976), a etnometodologia da conversa de Watson e Gastaldo (2015), a história oral de Alessandro Portelli (2016), e ACD – Análise Crítica de Discurso, de Pêcheux (1938-1983) e Orlandi (2000), bem como RODRIGUES e MELO (2020).

Diante da perspectiva de Antonio Candido (1976), as obras de Benedito Monteiro foram analisadas sob a ótica de um contexto histórico específico, ou seja, a Amazônia brasileira, enfatizando o período histórico da ditadura militar. Relacionando com os conflitos e história de vida dos personagens, assim como nas experiências de vida do escritor. Vale ressaltar que a literatura foi sua forma de continuar o seu trabalho político, mesmo diante do estado de repressão, durante o período histórico da ditadura militar, no Brasil.

A etnometodologia se materializa nesta análise através da postura científica de caráter inovador que passa a ter como objeto uma fonte uma fonte literária que caracteriza a memória e a cultura do amazônida. Olhar para os homens da floresta e para o seu cotidiano está de acordo com a proposta de análise, neste contexto.

É assim que se busca fundamentação do olhar sobre a análise crítica de discurso construída por RODRIGUES e MELO (2020). Segundo esta proposição, a qual o discurso é fonte de análise social que pode ser encontrada, inclusive, nas produções literárias. Tudo isso, demandando compreensão dos aspectos das entrelinhas dos discursos, no sentido de revelar as essências para a compreensão da realidade estudada.

➤ **Questões norteadoras e objetivos:**

Para nortear este trabalho, as seguintes questões precisam ser respondidas:

1. Como Benedito Monteiro aborda os elementos da cultura, construídos em comunidade, que caracterizam a identidade dos povos da Amazônia?
2. Como se relaciona a memória e a identidade, na perspectiva do amazônida, contextualizado pelo personagem Miguel, nas obras de Benedito Monteiro?
3. Como os processos educativos não formais, através dos quais se organizam as principais funções sociais entre os homens nesta região, atuam como processos de identidade?
4. Qual a relação entre o rio e a memória, para o caboclo amazônida, nas experiências do autor, contadas através do personagem Miguel dos Santos Prazeres?

Tais questões, ao serem respondidas, propositalmente se voltam ao alcance dos objetivos deste trabalho, construídos, a priori, no seu ato de idealização.

➤ **Objetivos**

- Geral: Estudar a cultura, a memória e a educação do caboclo amazônida, no personagem Miguel dos Santos Prazeres, de Benedito Monteiro.
- Específicos:
  - ◆ Descobrir que elementos da cultura cabocla amazônica são expostos das narrativas de Benedito Monteiro que têm como elo o personagem Miguel dos Santos Prazeres;
  - ◆ Construir uma visão mais complexa acerca da memória do amazônida, nas aventuras e nos conflitos vividos pelo herói de Benedito Monteiro;

- ◆ Entender os processos educativos não formais na Amazônia, tendo em vista a cultura cabocla e a memória, nas histórias do personagem Miguel, visando a superação da estereotipização do caboclo amazônida.

## **2. O Estado da arte: teses, dissertações, livros e artigos publicados sobre o autor (cervos virtuais da CAPES/CNPQ)**

O estado da arte foi o ponto de partida para a construção do objeto de pesquisa, bem como para a delimitação do recorte. Desse modo, foi feito um levantamento, a priori, dos estudos comparados, no que tange às elaborações acadêmicas voltadas ao estudo da obra de Benedito Monteiro, as quais foram essenciais para compreensão dos caminhos produzidos na academia através do estudo destas obras, seus avanços e seus olhares. Geralmente, são estudos desenvolvidos na área da literatura, os quais buscaram abordar diversos aspectos relacionados às suas características enquanto literatura brasileira de expressão Amazônica, trazendo à tona diversos aspectos sociais, culturais, históricos, linguísticos que são representados nas obras em questão. Tanto que foi identificada a existência de estudos comparados em universidades estrangeiras cujo material não foi concedido para pesquisa.

### **2.1 O Precipício: um tecido de muitas vozes**

- ✓ Categoria: Trabalho de Conclusão de Curso
- ✓ Autoria: Marcel Franco Silva
- ✓ Breves considerações:

Como se trata de um trabalho de conclusão de curso na área de Letras, o foco da análise é a polifonia no conto “O Precipício”, de Benedito Monteiro, no que tange à interação entre os sujeitos da narrativa, que são o autor, o narrador e o leitor. Tal análise se concentra em contribuições de diversas áreas de conhecimento, tais como: história, linguística, psicologia e sociologia. Para tanto, o trabalho vai buscar em Bakhtin (2006) e Orlandi (2007) as fontes conceituais para abordar a obra e as suas principais nuances, como a dialogia, polifonia e as estruturas narrativas.

## 2.2 A cosmogonia de um caboclo amazônida na literatura de Benedicto Monteiro

- ✓ Categoria: Artigo
- ✓ Autoria: Marcel Franco Silva
- ✓ Breves considerações:

Com o objetivo de evidenciar a cosmogonia do caboclo amazônida no Personagem Miguel dos Santos Prazeres, tendo como base a novela “Como se faz um guerrilheiro” (1995), o centro da análise é a relação entre o personagem em questão e a natureza. Neste aspecto, o que Marcel aponta é o encantamento de Miguel em relação a essa natureza, no caso, os rios e a consequência disso, que é a existência de seus sete filhos (re-criação desta natureza). Este artigo mostra a literatura como meio de expressão da amazônica e manifestação de linguagem e simbolismo da religiosidade da região. Além da dinâmica de relação entre as regiões, para a compreensão da nossa sociedade.

## 2.3 Faces do trágico na personagem de Miguel dos Santos Prazeres da Tetralogia Monteriana

- ✓ Categoria: Dissertação.
- ✓ Autoria: Isabel Cristine Mendonça Silva.
- ✓ Breves Considerações:

Análise bibliográfica, cujo referencial teórico se configura a partir das contribuições de Aristóteles, Kant, Benjamin, Marcuse, Nietzsche, Antônio Candido (que também fundamenta este trabalho), Hegel, Costa Lima, Lukács (também aqui presente), Ianni, Guiddens, entre outros. Tematicamente situada entre a história, a sociologia, a filosofia e a análise literária e, para tanto, o trabalho foca o personagem, fazendo uma relação com o personagem Alfredo, de Dalcídio Jurandir que também segue o padrão literatura brasileira de expressão amazônica, destacando que esta construção não pode determinar que há uma pureza no romance regional, ao contrário, há influência europeia muito forte na literatura brasileira.

## 2.4 A viagem mágica de Um Herói Amazonas Miguel dos Santos Prazeres

- ✓ Categoria: Tese
- ✓ Autoria: José Guilherme de Castro
- ✓ Breves considerações:

Em razão de este estudo ter sido estruturado sobre as quatro obras de Benedito Monteiro, a tetralogia amazônica *Verdevagabundo*, *o Minossauro*, *A terceira margem*, e *Aquele um*, passando por diversas categorias e citando cada elemento de suma relevância para o entendimento das obras, pode-se afirmar que este último autor, ou seja, o professor José Guilherme de Castro passa a ser o autor de base do presente estudo.

Benedicto Monteiro, em razão da sua biografia e da importância literária de suas obras, vem sendo largamente estudado pela comunidade científica, na Amazônia e no mundo inteiro. Entretanto, o principal campo sobre o qual são construídos esses trabalhos, é o campo da análise literária. Aspectos como o trágico e o mítico recebem destaque no contexto amazônico da produção científica, voltada para o trabalho deste romancista. Entretanto, não se pode deixar de destacar a existência de produção científica mundo afora, voltada para o trabalho de Benedicto.

## **SEÇÃO 2 - PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

### **2.1 - A pesquisa, seus métodos e procedimentos**

O problema sobre o qual se estrutura esta pesquisa reside no estudo acerca da cultura e da memória do caboco amazônica e como tudo isso se configura nos processos educativos não formais, neste mesmo contexto, a partir do personagem Miguel dos Santos Prazeres, nas obras de Benedito Monteiro *Verde vago mundo*, *O Minossauro*, *A terceira margem*, *Aquele um* e *O Homem rio*. Nestas obras, a experiência contada por um personagem central, é possível se estudar, aspectos fundantes para a compreensão da cultura dos povos da Amazônia.

Para melhor compreender a linha de pensamento sobre o qual se estrutura este objeto de pesquisa é necessário, em primeiro lugar, retomar categorias fundamentais para a sua construção teórica. Assim, entende-se que, para um olhar mais complexo, sobre a sociedade, uma análise sensível, como requer a pesquisa social qualitativa, é necessário se conhecer melhor os conceitos sobre cultura, cultura caboca, identidade cultural, multiétnicidade, multiculturalismo, saberes e memória. Tudo isso, tendo em vista uma fundamentação teórica que se organiza a construção de um olhar sobre o silenciamento da cultura caboca.

Assim, começando pela Cultura, que é uma categoria de suma relevância para os trabalhos que se situam nos campos abarcados pelas Ciências Sociais. Tal conceito foi se estruturando e modificando ao longo do tempo, no meio científico, até se chegar ao conceito que melhor se adequa à presente investigação:

De um modo geral, a palavra cultura é entendida como a maneira de um grupo social compreender a vida. Cultura é tudo aquilo que um determinado grupo social “cultua”, isto é, inclui seus valores e suas tradições. Cada grupo social detém uma determinada cultura, com diferentes características; entretanto, essa questão também diz respeito à cultura dominante dentro de um grupo definido. (MACHADO, 2002, p. 25)

E, no caso dos povos da Amazônia, esses valores e tradições têm origens múltiplas, dada a sua constituição histórica multiétnica. Assim, as origens étnicas e as movências culturais se relacionam de forma direta e fazem destes povos tão ricos e complexos do ponto de vista sociocultural, a partir de um processo de contato cultural (CANCLINI, 2008). Mais que isso, esses povos seguem comportamentos culturalmente determinados, tais como a racionalidade, a organização produtiva, as práticas medicinais, etc. que têm constituições totalmente estranhas às culturas urbanas ocidentais. E, importante frisar, marginalizadas e silenciadas pelas culturas dominantes urbanas ocidentais e capitalistas.

**Foto 01:** Índios utilizando tecnologia



Fonte: Acervo da pesquisa

Mais que isso:

Entende-se aqui, por uma cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do Caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mais especialmente no período da borracha, migraram para a Amazônia. (LOUREIRO, 1995, p. 27)

Como é o caso dos elementos produzidos na obra através da relevância narrativa do personagem Possidônio, padrinho de Miguel. Nas narrativas, ele traz aspectos culturais de origem nordestina, como é o caso do cangaço e de alguns elementos de origem linguística, que fez com que Miguel carregasse, através dos romances, o apelido de “cabra da peste”, pela relação próxima entre os dois personagens.

Ainda sobre esta categoria que se apresenta como base para todas as outras categorias que aqui estruturam este foco de análise,

A cultura desenvolve uma função de mediação simbólica; a linguagem, as representações da realidade, as narrativas mitológicas, a religião, a expressão artística, as técnicas, o saber científico, a filosofia, os sistemas do direito, os modelos de comportamento, etc., constituem outras tantas formas que exercem funções de mediação nas nossas relações com o próprio eu, com os outros, com as coisas. (CRESPI, 1997, p. 23)

Sendo vista como a fundamentação dos processos de constituição da identidade, a cultura determina quem é o caboco Miguel, enquanto representação do caboco amazônica. Para tanto, além da visão de Franco Crespi (1997), segundo a qual a cultura é um fator de mediação simbólica, é importante considerar as construções inerentes à teoria de Thompson, o qual faz um panorama da evolução deste conceito ao longo da história das ciências. Sendo aquele que melhor se encaixa no contexto desta pesquisa é a concepção simbólica que Thompson (2011, p. 176) busca em Geertz. Segundo ela,

Cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham experiências, concepções e crenças.

Importante aqui é visualizar o caráter padronizador da cultura, que configura comportamentos, posturas, costumes e, especificamente, a linguagem é o fator de



análise primário sobre o qual se apóia o autor para expressar o contexto social do caboco amazônida e do Brasil no período histórico da ditadura militar.

Para tanto, o personagem Miguel dos Santos Prazeres é um herói, elo entre os romances em foco, que mostra aspectos essenciais para a caracterização do amazônida. Um personagem através do qual o romancista expressa os aspectos culturais, enfatiza o vocabulário típico, com palavras e composições, tais como aglutinações, que evidenciam a forma de ser e de pensar do homem desta região; a forte religiosidade na vida das comunidades cabocas, o que se faz evidente através da importância social da figura do padre, o que o autor mostra, em seus romances, o impacto da grande influência exercida sobre as pessoas e suas formas de pensar e na cultura de forma geral, ou seja, sobre o ideário social amazônida, ou seja, sobre outra categoria essencial para esta construção, como é o caso de saberes.

Para Charlot (2000, p. 61), esta categoria, segundo a qual definir o saber prescinde do sujeito que aprende. “Tal tentativa não deixa de ter interesse, mas chega, conforme veremos, à idéia de que não há saber senão para um sujeito “engajado” em uma certa relação com o saber”. Se o saber prescinde do sujeito que aprende, então o saber é um fenômeno social e historicamente construído, que ocorre de forma singular e caracteriza os grupos diversos. E a Amazônia, neste caso, é caracterizada pela diversidade de origens étnicas na sua formação histórica e, conseqüentemente, pela diversidade cultural.

Essa diversidade é bem descrita nas obras quando o autor faz referência às práticas medicinais, cujas origens são oriundas ora da África, ora da Região Nordeste do Brasil, esta já caracterizada por uma diversidade de origens étnicas:

Diziam também, que era ele que me curava: curava contra cobra, contra febre e curava para arrumar mulher só de pisar no rastro. Até para ser feliz na caça e na pesca diziam que era ele que me curava. Mas não era nada disso. A minha cura contra cobra, feita na aldeia dos pretos, levava erva. Reza e muita benção de canto e dança. Toda a festa de Santo Antônio, meu pai me levava pró Pacoval. Lá eu era rezado e curado em três dias e três noites pelos pretos: me deram para beber uma porção de beberagens. Eu gostava porque tinha cachaça e travo de fruta agreste. Batiam tambor e chocalhos em danças e rezas no terreiro e no meio do mato. Eram rezas que eles tinham trazido da África. Pelas regras, pelas danças e pelas curas, parece que a África era maior e mais longe que o Nordeste. As fazendas de onde os negros tinham fugido há muito tempo, ficavam também em paragens muito desertas. Os remédios dos Pretos - o senhor pensa - era um afamadas. Vinha gente de muito longe para comprar só essas beberagens: para qualquer cobra, podia ser a mais venenosa. Eles chamavam as cobras de cipó, cipó-cobra. Cipó-serpente. Mas curavam mordida de qualquer bicho, tanto fosse da água, da terra, ou do vento. Servia até para veneno de jaquiranambóia, peixe-voador-

devorador que voava rente à água muito baixo. (MONTEIRO, O minossauro, p. 17/18)

Assim, a religiosidade assume relevância estruturante sobre os processos educativos não formais e a escolha do nome do personagem é um exemplo disso. Esse fator é bastante evidenciado nestas e em outras obras de Benedicto Monteiro. Nas narrações em que o personagem fala de suas origens, o personagem foco deste trabalho demonstra conhecimento razoável de passagens do antigo testamento, uma demonstração de fé bastante evidente, assim como o conhecimento de práticas características das religiões africanas, aprendidas na comunidade e na família.

E foi nesse ato divino, que Deus criou o inferno, justamente pra jogar nele o Satanás. E dar a ele, a função eterna de fazer sofrer e de punir os pecadores. O senhor sabe como podia ser esse tal de inferno? O senhor sabe o tamanho dele? Deve de ser imenso, pra nele poder caber, todos os pecadores deste mundo. Os punidos por pecados, mesmo, com toda a ira desse Deus, todo poderoso. Eu imagino que devia ser muito escuro. Um buraco negro. Muito negro. Um muito ou um nada. Cor, eu sei que o inferno não tinha. Só se ele fosse da cor do fogo ou das trevas, escuridão pura, sem cor nenhuma. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 4)

Já a memória perpassa por toda a elucidação dos diversos matizes e nuances dos elementos da natureza e as paisagens que compõem a Alenquer do personagem, importantíssimo para a construção do perfil deste herói e, neste sentido, se destaca o espaço emocional ocupado pela água, na vida de Miguel; bem como a natureza, que se apresenta como o espaço de atuação de Miguel no Mundo, enquanto mateiro, pescador, que nada, rema, pesca e, nesse sentido, passa a ser objeto de rememoração quando este caboco se encontra em ambiente urbano. Tudo isso produz reflexos profundos sobre os processos educativos – não os formais – aqueles desenvolvidos no dia-a-dia da comunidade, entre diversos atores e estão presentes nas mais diversas formas de educação, na tetralogia, expressa através do pai de Miguel, do padre e seu padrinho Possidônio.

Vale ressaltar a contribuição de Jerusa Pires Ferreira (2003) para esta categoria, neste contexto de pesquisa qualitativa, em que pese a importante categoria memória para o estudo deste objeto. Para ela, há uma forte relação entre a poesia popular, a memória e o esquecimento. Esta interpretação volta nossos olhares para os aspectos mitológicos da cultura amazônica, narrados pelos romances,

configurando a resistência cultural, mesmo diante da invasão da floresta por parte da cultura urbana ocidental.

Além dela, HALBWACHS (2004, p. 30) mostra o impacto da memória coletiva sobre a memória individual, estabelecendo as bases da memória para a compreensão de uma outra categoria, que é a identidade. O que se encaixa dentro da perspectiva de POLLAK (1989, p. 7), segundo o qual, a memória coletiva define o pertencimento.

Para melhor elucidar a memória, outra categoria que se encontra evidente quando se inicia uma análise histórica das fontes literárias de Benedicto Monteiro, especificamente a tetralogia amazônica sobre a qual nos debruçamos, neste trabalho, busca-se trabalhar com o direcionamento delineado por RODRIGUES (2017, p. 262), segunda a qual a memória é a cultura que se firma a partir de processos de caráter político que definirão que aspectos da cultura serão lembrados ou esquecidos, ou quem será dominante ou vencido no processo de constituição histórica do que hoje é o caboco amazônida. Assim,

Modernamente, a exploração conceitual da memória e de suas interfaces, com os diversos campos do saber, promoveu a estruturação do conhecimento científico para a compreensão da construção da memória coletiva, dos mitos da nacionalidade. Com esse propósito criaram-se os arquivos, os museus, os monumentos coletivos aos mortos e a invenção da fotografia, fundamentais nesse processo. (RODRIGUES, 2017, p. 264)

Os quais são vistos como um suporte à sobrevivência das tradições, são voltados aos diversos processos de memória e educação. O que, ainda segundo RODRIGUES (2017, p. 262) pode ser a voltado para a construção das identidades culturais dos invisibilizados.

Além disso, é muito importante frisar que os aspectos acima expressos são narrados de forma muito envolvente nos romances de Benedicto Monteiro, pois trazem uma infinidade de elementos culturais do homem caboco amazônida, como os já descritos, e que compõem esta proposta, que contam as aventuras do personagem, seus dilemas, seu olhar sobre a vida, suas dores e as dádivas de ser amazônida, as relações de trabalho, a relação e entre o homem e a natureza.

Tendo o envolvimento do espaço/tempo na composição deste personagem, a leitura dos romances enfatiza os aspectos históricos e geográficos. Dentro da constituição do tempo histórico, o personagem se apresenta num contexto da Ditadura

militar. Nesse sentido, surgem as viagens de Miguel, tanto para fugir da ditadura, como para narrar a suas aventuras amorosas, seu símbolo de virilidade do homem amazônida, o que o fez pai de sete filho, com sete mães de etnias deferentes: caboca, japonesa, turca, negra, nordestina, portuguesa e índia, o que aponta a questão da multietnicidade e do multiculturalismo na Amazônia.

Multietnicidade e multiculturalismo, outros dois conceitos de suma relevância para a constituição deste objeto de estudo, pois são características relevantes dos povos da Amazônia. A multietnicidade, no contexto amazônico, tem origem na história de ocupação da região, da existência de diversos povos indígenas e na ocupação histórica por parte de grupos de origens diversas, como é o caso de portugueses, judeus, libaneses e japoneses, que ocuparam regiões do interior da Amazônia. A diversidade étnica, neste caso, acaba sendo a origem da diversidade cultural, que também caracteriza a região amazônica, assim como o Brasil:

Ocorre, porém, que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (BOSI, 2004, p.7)

Por sua vez, o multiculturalismo é um conceito sociológico que surge a partir da evolução do conceito de cultura, que passa a se estruturar na ideia de pluralidade. Ou seja,

Assim, afirmar que nossa sociedade é marcada por uma diversidade cultural significa reconhecer a pluralidade de grupos sociais, étnicos e culturais que a compõem. Significa, também, valorizar a riqueza que essa heterogeneidade traz à sociedade e rejeitar quaisquer mecanismos discriminatórios contra grupos que se manifestem em seu interior. (MACHADO, 2002, p. 31)

Para tanto, é necessário definir quais os elementos da cultura amazônica são expostos das narrativas de Benedicto Monteiro, aqui objeto de Estudo, que têm como elo o personagem Miguel dos Santos Prazeres; bem como construir uma visão complexa acerca da memória do amazônida, como já apresentado aqui, nas aventuras e nos conflitos vividos pelo herói de Benedicto Monteiro; fazendo uma relação com os processos educativos não formais na Amazônia, tendo em vista a cultura caboca e a memória, nas histórias do personagem Miguel, visando a superação da estereotipização do caboclo amazônida produzida pelas perspectivas capitalistas, urbanas e ocidentais, a partir das quais a diversidade se homogeneiza.

O conceito de cultura cabocla, portanto, pode ser estendido para além das limitações que a questão étnica poderia impor. Vão mais longe Françoise e Pierre Granand “identidade cabocla que não pode então ser configurada a um lugar preciso, uma vez que todo ponto humanizado no espaço amazônico é seu. (LOUREIRO, 1995, p. 28)

Por se tratar de um recorte que se situa dentro das ciências sociais, na área da educação, o que confere típica complexidade na construção científica, esta pesquisa se identifica, no que tange ao arcabouço teórico-metodológico, como multireferenciada. Assim, para dar respostas às demandas analíticas, a perspectiva é analisar o presente objeto de estudo a partir do olhar da análise histórica da literatura, tomando como base as contribuições análise de Antonio Candido (1918, p. 05):

(..) quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira constituir uma estrutura peculiar. Tomando fator social procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias) que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante o valor estético).

Em virtude do status inovador, do ponto de vista científicidade ao presente trabalho, o que requer as modalidades de análise literária relacionadas aos estudos sociológicos em literatura, de Antônio Candido (1976) tais como: a correlação entre as obras literárias e os vários aspectos da vida social; bem como a modalidade que relaciona a biografia do autor a sua obra. Este status de inovação referente ao presente trabalho, situando-o na área da educação, passa a se configurar, especificamente, se por considerar educação nos processos outros, além dos formais, valorizando, neste contexto, a memória e a cultura do caboco amazônica como elementos que rememoração e identidade cultural.

Esta última categoria, por sua vez, tem sua relevância para este foco de análise, a partir da noção de constituição histórica que se organiza através da miscigenação de várias origens étnico culturais, que foram se configurando ao longo do tempo, de forma movente e dinâmica, o que busca fundamentação através de uma outra categoria trabalhada por CANCLINI (2008, p. 203), que é o pluriculturalismo, que caracteriza a América Latina, e se coloca em duas dimensões fundamentais, que são a multiétnicidade e o multiculturalismo.

Assim, ainda segundo a mesma fonte teórica, Canclini (2008, p. 129) a identidade é uma construção que se narra, historicamente, através da construção da territorialidade, dos movimentos de afirmação dos grupos e dos conflitos de ajustamento. Exemplo disso, é, quando nas obras em análise neste trabalho se identifica que os elementos culturais que têm base na origem étnica africana, como é o caso das práticas medicinais, no mesmo contexto de elementos culturais de origem nordestina.

É nesse sentido que passa a ser necessário fazer uma relação entre as origens de determinados aspectos de natureza cultural e étnica, trazendo para a presente investigação as contribuições de BRANDÃO (2015, p. 163). Segundo ele, ritos de diversas origens etnicoculturais, com territorialidades distintas, apresentam semelhanças, aproximações materiais e simbólicas. Como, por exemplo, a principal oração da base de uma religião, apontada na obra em questão; assim como as lendas em torno de santos católicos, em localidades diferentes, se têm a mesmas narrativas ou histórias semelhantes fundamentam a fé de todo um povo, dentro daquela territorialidade, assumindo, assim, funções identitárias. Comparando as orações de origens religiosas diversas, como o Cristianismo, o Judaísmo, bem como de povos pagãos, comparando as características:

Deixadas de lado algumas diferenças, as orações colhidas ao quase acaso em um mesmo livro, quase se valem umas pelas outras. Entre a primeira e a última, uma de indígenas e outra de primitivos cristãos, falam em um momento da mesma questão ancestral: que um ser de bondade e situado acima de nós nos nutra. Com caça e peixes ou com “o pão de cada dia”. (BRANDÃO, 2005, p.163)

Classificados como romance modernistas de caráter realistas, as obras analisadas, contam, minuciosamente, dentro das suas narrativas, aspectos fundantes das culturas do caboco amazônica, formadas a partir da miscigenação étnica de povos europeus, africanos e originários da Amazônia. Para tanto, o personagem Miguel dos Prazeres, ao carregar consigo todas as características relevantes para a constituição do perfil destes homens, é um instrumento utilizado pelo autor para aproximar a obra do leitor, a partir dos aspectos linguísticos, emocionais, religiosos; de traços psicológicos; do ideário, no âmbito das representações, dentre outros tantos aspectos que a própria pesquisa apresentará. Logo, o tratamento de tais aspectos inerentes às obras como indícios de investigação do objeto de estudo e não como mero recurso estético, reside na teoria de crítica

literária de Petter Gay (2010), para o qual os romances realistas passam a ser fontes de análise social. Segundo ele,

O romance realista é tão rico em implicações abrangentes precisamente porque apresenta seus personagens por meio de seus passos através do tempo e do espaço como se fossem pessoas reais crescendo num micro cosmos de sua cultura e da história dessa cultura. Trata-os como indivíduos solidariamente ancorados em seu mundo, neste mundo. E com razão: com a idade de cinco ou seis anos, a criança é uma antologia em miniatura dos modos da sociedade que a cerca. Incorporou regras de conduta, cânones de gosto, crenças religiosas de seus educadores formais e informais – pais, irmãos, amas e criadas, professores, padres, amigos de escola. Afinal, não há nada espantoso no fato de o filho de italianos falar italiano ou o filho de episcopais se tornar episcopal. (GAY, 2010, p. 16)

Aqui, pode-se relacionar a grande influência do padrinho Possidônio, na elaboração identitária de Miguel. Através dos processos educativos não formais, por exemplo, no dia-a-dia e convivência cotidiana, o cangaceiro influenciou de forma definitiva na construção de sua afetividade. O que fez de Miguel pai de sete filhos, sem a constituição familiar que vivenciou em sua origem; sem raízes e com grande coragem. O terçado que usava era uma representação disso.

Acerca das representações extraídas das obras literárias, CHARTIER (2011, p. 95, 96) fala acerca da construção do passado através das obras literárias e, dentre os aspectos, as representações do passado na ficção e na historiografia, tomando como base as elaborações de Stephen Greenblat, Pierre Bourdier e Paul Ricoeur. Aqui, pode-se destacar que *o que a escrita literária apreende é a poderosa energia das linguagens, dos ritos e das práticas do mundo social*. Para ele, a apreensão depende daquilo que o leitor no caso de todos os aspectos da vida social, através das obras literárias.

Para tanto, é fundamental voltar o olhar sobre o que a experiência pessoal do escritor Benedicto Monteiro contou através de Miguel, seu personagem elo na tetralogia acerca da questão da expressão oral dos diversos cabocos da Amazônia:

O senhor pensar? Eu sei distinguir os cabocos, pelas mínimas palavras, de que cidade ele é, no Baixo Amazonas. Quando um conta, que fez uma Piracaia, com farinha d'água e cachaça na beira do igarapé eu sei por uma única palavra, se ele é de Santarém ou de Alemquer. Quando ele diz que fez uma piracaia com mujica de pirauí de acari com farinha de cucurumã, eu sei que ele é de Santarém, mas quando ele diz que a farinha é do curumu, eu sei que ele é de Alemquer. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.71)

Essa questão da linguagem é bastante destacada através do personagem, com palavras, posturas. E, na obra “O homem rio”, além das questões culturais já mencionadas, como a linguagem, a religiosidade, a medicina, a produção de subsistência, o autor enfatiza a conjuntura social, apresentando como pano de fundo os acontecimentos e preocupações do inerentes ao amazônida. Daí a análise crítica de discurso, de Norman Fairclough (2005), Michel Pêcheux (2009) e Eni Orlandi (2005) e MAINGUENEAU (2010). Pois pretende-se extrair dos diversos discursos do caboco amazônida inerentes ao personagem Miguel dos Santos Prazeres, em que o autor mostra muito além da cultura, da história, do contexto político. Mas permite também construir uma visão complexa de aspectos mais concretos da vida do amazônida, tais como a forma na qual ocorre a educação do homem nos seus diversos espaços, como a memória e o contexto político são evidenciados nas obras em análise.

A ACD (Análise Crítica de Discurso), categoria analítica que se adequa à fonte principal deste trabalho, que são as histórias contadas pelo escritor Benedicto Monteiro, através de seu personagem, Miguel dos Santos Prazeres.

#### Conceituando:

A análise do discurso é de toda maneira crítica pelo simples fato de que não autonomiza os textos, de que os relaciona a práticas sociais e a interesses situados. Por exemplo, o estudo dos textos religiosos ou científicos numa perspectiva da análise do discurso exige que se levem em conta as instituições que produzem e gerenciam esses textos e não apenas os seus conteúdos, por mais prestigiosos que eles sejam. Não é necessário dizer que esse gesto tem uma força crítica considerável e que é muito mal recebido por muitos pesquisadores. (MAINGUENEU, 2010, p. 65)

Para conceituar ou aprofundar o entendimento deste método analítico, é importante recorrer a RODRIGUES e MELLO (2020, p. 7), que situam a ACD, dentro das ciências sociais, num contexto da literatura nas elaborações identitárias do amazônida. Com a experiência de estudos sobre as diversas referências que fundamentam este olhar científico, as autoras deste trabalho apresentam um mergulho sobre um recorte conceitual que se aproximam das necessidades metodológicas da análise dos textos literários aqui estudados e do recorte executado na presente experiência científica.



Assim, as origens e tessitura do objeto de estudo, que buscam no enfoque materialista histórico- dialético uma crítica social amazônica a partir do personagem de Benedicto Monteiro, buscando uma crítica social em torno da marginalização da região e do seu aparato sociocultural. O que se observa no discurso do caboco amazônida, nas histórias contadas nesta saga, de forma a instrumentalizar o leitor para a transformação deste processo.

Este processo de análise, no que tange às ciências sociais, tem sua relevância defendida pelas autoras, dentro de um detalhamento acerca de suas dimensões:

A ACD adota uma concepção tridimensional do discurso, ou seja, o discurso como prática textual, de modo a se explicar as regras de produção do texto, ou seja, um estudo da organização das informações, da coerência e coesão lógica textual. O discurso, como prática discursiva, exige uma explicação das relações entre o texto e o contexto, ou seja, como o texto reproduz e/ou modifica o contexto social no qual é produzido. E, em sua terceira dimensão, adota o discurso como prática social, ou seja, em sua relação dialética com as estruturas sociais que se, por um lado, configuram o discurso; por outro, são confirmadas e/ou questionadas pelo (s) discurso (s), o que exige analisar as condições materiais de produção e as implicações sócio-políticas e ideológicas dos discursos e de seus autores em relação dialética à totalidade social em suas múltiplas e concretas determinações históricas e culturais. (RODRIGUES e MELLO, 2020, p. 7/8)

Para esta categoria analítica, apresenta um procedimento de análise que visa ao máximo, isolar os elementos em seu contexto específico, afastando os resultados das determinações ideológicas presentes no discurso e na própria análise. Para tanto, aplica-se a abordagem etnometodológica, de Haroldo Garfinkel (2015), segunda a qual se rompe com as abordagens sociológicas tradicionais, focando aquilo que tradicionalmente esta ciência descartaria, como as pessoas do seu cotidiano em interação e a construção de seus saberes (WATSON, 2015, p.13).

Assim, cultura, memória, identidade e educação cotidianas são aspectos bastante visualizados nas obras de Benedicto Monteiro, conceitos que se busca a fundamentação extensa em CANDAU (2016).

Os métodos de pesquisa que melhor se adaptam a esta realidade, tendo em vista a sua multireferencialidade e seu status inovador para as ciências sociais, bem como se trata de um objeto de se encaixa dentro dos aspectos que, tradicionalmente, são colocados à margem da história e da ciência, que são os aspectos socioculturais relacionados ao caboco amazônida, são os métodos materialista, histórico etnográfico e sociológico.

Quanto à natureza da Pesquisa, este trabalho se encaixa na categoria qualitativa de caráter exploratório, tendo como principal fundamentação, Maria Cecília Minayo (1993), trata a pesquisa na área das ciências sociais, apontando seu caráter subjetivo. No caso deste tipo de trabalho aqui desenvolvido, que se encaixa no campo das ciências sociais que reivindicam especificidades no trato deste tipo de olhar sobre a sociedade, apontando este tipo de pesquisa como essencialmente adequado a este campo científico (MINAYO, 1993, P 10).

A pesquisa qualitativa que, segundo GROULX (2010, p.96), surge a partir de uma ruptura com a pesquisa quantitativa ou estatística, melhor se adequa a presente realidade científica pois, este tipo de pesquisa contribui para a pesquisa social com um olhar renovado sobre os problemas sociais e sobre os mecanismos profissionais e institucionais de sua gestão, transformando sua prática.

Tal ruptura é marcada pela percepção, por parte dos cientistas sociais de que o quantificável é insuficiente para a investigação e análise de dados quando se trata de objetos que se situam na área das ciências sociais, como é o caso da cultura, da memória e dos processos educativos não formais na Amazônia, a partir da obra de Benedicto Monteiro. A área das ciências sociais apresenta análise, cuja complexidade requer procedimentos mais detalhados e diversificados, com um olhar mais sensível à multiplicidade de aspectos inerentes a essa realidade científica. Ou seja,

A consideração, pela pesquisa qualitativa, da multiplicidade das perspectivas e dos agentes compoendo cada uma das categorias, obriga a romper a unidade artificial da categorização estatística e a revelar uma diversidade de situações, uma pluralidade de atores que se adaptam de maneiras variadas a situações diferentes, mobilizando um repertório variado de recursos. (GROULX in NASSER, 2010, p. 97)

Assim, a diversificação dos aspectos da pesquisa trazida por esta mudança de paradigmas, que introduz a pesquisa qualitativa nos meios científicos, permitirá o debruçar sobre as obras e vida de seu autor, tendo como pano de fundo o contexto histórico e geográfico, contados nestas obras e encontrados ao explorar a história do próprio Benedicto. Seguindo neste tipo de pesquisa, o trabalho pode desvendar os detalhes que o outro tipo de pesquisa não seria capaz de desvendar. Assim, entende-se que, dado a proposta de estudo da sociedade através da análise literária, a pesquisa qualitativa é o tipo de pesquisa que melhor se encaixa, diante da natureza do seu objeto, ou mais especificamente:

A mudança social acelerada e a conseqüente diversificação de esferas de vida fazem com que os pesquisadores sociais defrontam-se, cada vez mais, com novos contextos perspectivas sociais; situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais – questões e hipóteses de pesquisa derivadas de modelos teóricos e testadas sobre a evidência empírica – fracassam na diferenciação de objetos. (FLICK, 2004, p. 18)

Nesse sentido, a diversificação no que tange à estruturação deste objeto de estudo reside, necessariamente num aspecto de suma relevância para a pesquisa qualitativa, que é o lugar de onde se fala. Ou seja, qualquer aspecto que se busque investigar no contexto social da Amazônia passa a ser inovador, visto que, tradicionalmente, os aspectos dominantes para as ciências sociais estão localizados em espaços urbanos e ocidentais. Todas as outras racionalidades são colocadas a margem da produção de conhecimento, ou melhor, toda produção de conhecimento além deste contexto dominante é, tradicionalmente, ignorada pela ciência.

Entretanto, a Amazônia é o espaço-tempo de construção cultural e histórica marcada pela diversificação em relação às culturas urbanas, demandada pela pesquisa social qualitativa. O mitológico, a religiosidade, os processos educativos não formais que delineiam as práticas produtivas, os sistemas de produção e até as práticas medicinais são aspectos que caracterizam a cultura do caboco amazônica e que se mostram, neste trabalho, como o que há de diversos em relação aos paradigmas tradicionais e às estruturas científicas quantificáveis. São muitos aspectos, nuances, detalhes e relações marcadas pela complexidade, o que requer certa flexibilidade à estrutura científica. Com relação às nuances flexíveis, aqui necessárias, FLICK (2004), chama a atenção para aspectos de suma relevância para a pesquisa social qualitativa, como a flexibilização de elementos da pesquisa tradicionalmente constituídos, como é o caso da objetividade, levando a pesquisa para outros caminhos metodológicos e para outros tipos de resultados, diferentes daqueles que a ciência estrutura, trazendo novos paradigmas para os marcos científicos:

A ciência não mais produz “verdades absolutas”, capazes de serem adotadas indiscriminadamente. Fornece ofertas limitadas para a interpretação, cujo alcance é maior do que o das teorias cotidianas, mas podem ser empregadas na prática com comparável flexibilidade. (FLICK, 2004, P. 19)

Portanto, situando este objeto de pesquisa à qualitativa, pode-se afirmar que sua complexidade é aí melhor atendida. Isso, com vistas a descobertas cada vez mais desafiadoras e inusitadas, dentro do campo de investigação. O que não seria possível, com a estrutura metodológica oferecida pelo paradigma tradicional.

## **2.2– Técnicas de Pesquisa**

Para estudar a sociedade, especificamente as culturas do amazônida, sob a ótica das obras de Benedicto Monteiro, as principais técnicas de pesquisa são a análise documental, bibliográfica e as entrevistas semi-estruturadas. Sendo que os documentos que foram analisados para buscar para extrair todos os elementos necessários à presente investigação, são provenientes do acervo pessoal da família do autor, assim como as obras analisadas. Além disso, entrevistas com pessoas da família e do convívio do escritor, para que se possa ter outras fontes, além dos documentos e bibliografia.

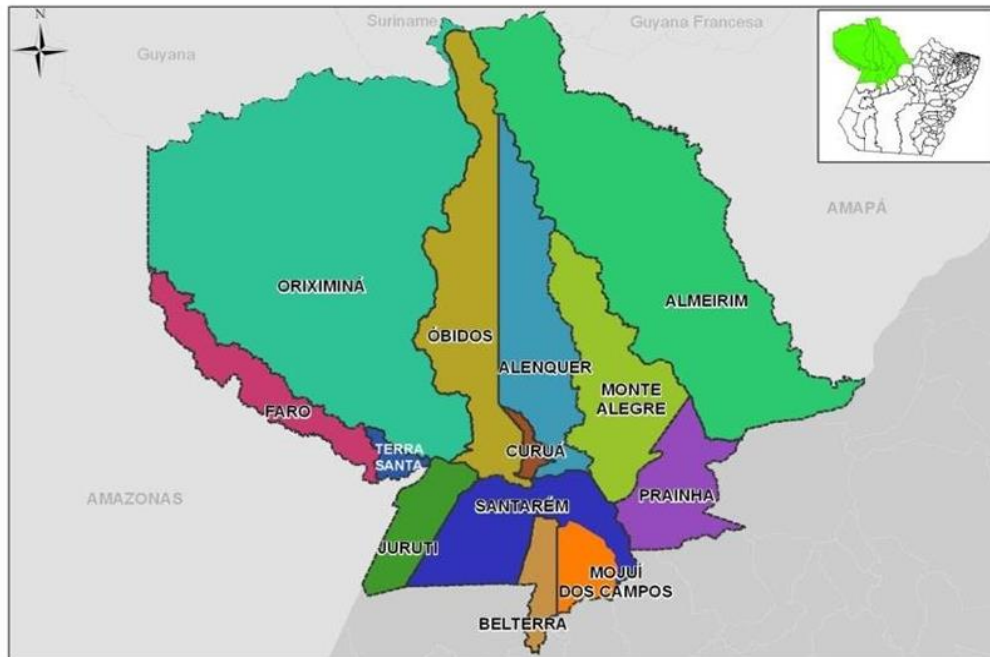
Para tanto, a história oral se apresenta aqui tanto como instrumento de elaboração histórica utilizado pelo escritor, quanto à técnica de levantamento de dados que foram obtidos, ao se buscar informações junto a membros da família do escritor Benedicto Monteiro. Para este tipo de pesquisa, este trabalho se fundamenta em Alessandro Portelli (2016), segundo o qual esta é a arte da escuta, que nos ajuda a diferenciar, dentro dos aspectos coletados de uma história que vem da base, o que é história e o que não é. Através do relato de quem vive a história, a história oral valoriza os aspectos inerentes ao particular e cotidiano, dentro do contexto geral, como no caso dos relatos conferidos a moradores da cidade de Alenquer, no período da ditadura militar, no Brasil, quando os moradores da cidade passaram a ser perseguidos, em razão da fuga de Benedicto.

A relevância destas técnicas para a presente pesquisa, por se encaixar no campo da história da educação, reside na sua identificação do recorte tomado na presente pesquisa, com o movimento dos novos historiadores e historiadores culturais, que toma como fonte de história outros atores e aspectos sociais, que não da história política a história dos jogos de poder ou daqueles tradicionalmente considerados os grandes homens da história (Peter Burke, 1992), mas de agrupamentos humanos, tais como as comunidades cabocas da Amazônia, marginais

na historiografia tradicional. Daí a história contada pelas pessoas, ou seja, os entrevistados e o próprio Benedicto.

### 2.3 – O lócus da Pesquisa: Alenquer/PA, origem, refúgio e inspiração

**Fotografia 02:** Mapa do Estado do Pará da Região do Baixo Amazonas



Fonte: Geoconceição.blogspot.com

A cidade de Alenquer fica situada na região do Baixo Amazonas, entre os municípios de Óbidos, Curuá, Monte Alegre e Almeirim. Também conhecida como Princesa do Oeste do Pará, foi o cenário tanto das primeiras experiências de vida do escritor Benedito Monteiro, quanto das aventuras do seu personagem, voz de sua prática política encarcerada durante a Ditadura Militar no Brasil, Miguel dos Santos Prazeres, elo entre os seus romances.

**Fotografia 03:** A Igreja Matriz em Alenquer



Fonte: Acervo da Pesquisa

A Igreja Matriz da cidade de Alenquer é o espaço que mostra toda a religiosidade praticada pelo povo alenquerense e que se configura na história de vida dos diversos personagens da Amazônia, representados pelo Caboco Miguel, contada na tetralogia amazônica de Benedicto Monteiro, através da origem do nome do personagem, bem como em uma das histórias mais importantes para a compreensão da história do personagem, que é o show pirotécnico feito por Miguel, em homenagem ao Santo Padroeiro da cidade.

**Fotografia 04:** A orla de Alenquer

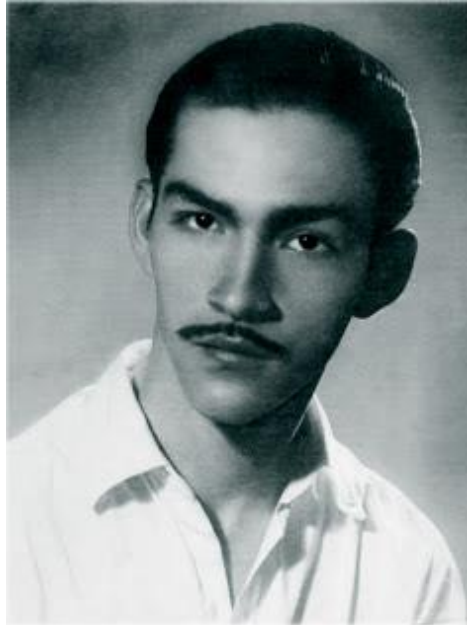


Fonte: G1/Pará

Esta imagem da orla de Alenquer mostra uma cidade toda banhada pelo rio Surubiú, dando uma característica própria à região, que confere ao personagem Miguel dos Santos Prazeres um grande conhecimento sobre a estrutura hidrográfica da região Amazônica. Daí o importante elemento de rememoração, que caracteriza a identidade do caboco Amazônida, que é o rio. Nas obras, o escritor mostra uma riqueza natural que se configura nas narrativas, nas tradições, na produtividade, nas principais ações do homem sobre a natureza.

### SEÇÃO 3 - ESBOÇO BIOGRÁFICO DE BENEDICTO MONTEIRO: DITADURA MILITAR E REPRESSÃO POLÍTICA NO PARÁ (1970 – 1980)

Fotografia 05: Benedicto Monteiro aos 21 anos de idade



Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

Benedicto Wilfred Monteiro nasceu em 29 de Fevereiro de 1924, na cidade de Alenquer, no Oeste do Pará, mas foi registrado apenas em 1º de Março, como é de costume, quando as crianças nascem em 29 de Fevereiro, por ser uma data presente no calendário apenas em anos bissextos. Era filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro, o seu Lulú, como era conhecido em Alenquer, e de dona e Heribertina Batista Monteiro, a dona Bené. Tinha seis irmãos: Wanda, Ana, Yolanda, Dulcinez, Teresa e Luís Fernando. A família residia à Travessa Antônio Mesquita de Souza e era muito conhecida na cidade. Aqui minha homenagem a esse homem que se apresentava assim:

*“Sou um homem cúmplice do passado, contemporâneo do futuro e vivo de mãos dadas com o futuro”* (Benedicto Monteiro)

A própria figura do Bené, como o chamavam na sua região, era muito popular. Viveu uma juventude rodeada de amigos. Dentro do seu círculo de amizades, jovens humildes, apesar de filho de família abastada. Sua simplicidade e humildade são características pessoais que fizeram dele um líder, somado a outras, como inteligência e perspicácia, o transformaram num homem da política, que respeitava a diversidade cultural e social.



Essa experiência foi contada através de suas obras, mostrando os conhecimentos sobre a Amazônia. *Benedicto ou Miguel?* A relação entre ambos é profunda, sendo o alter-ego, o que, segundo Mario Drumont (2005), é visto como a síntese amazônica. O personagem sobre o qual este recorte se estrutura é classificado como ao alter-ego do escritor, pela poeta Wanda Monteiro, filha do escritor e curadora da sua obra, em 28/02/2019, com a generosidade de quem divide com o Mundo o fascínio pelo próprio pai, um gênio da literatura:

Miguel dos Santos Prazeres trata-se, na verdade, do alter-ego de Benedicto Monteiro. Atesto isso pelo que conheço de sua obra e por ter acompanhado de perto grande parte de todo o seu processo de criação literária e produção editorial de sua obra. A gestação de Miguel foi iniciada com o Conto "O Precipício" - publicado na Revista Norte N° 1, em 1958- e começou a evoluir a partir do livro de contos "Carro dos Milagres". O dizer de Benedicto Monteiro, no que tange à sua proximidade e cumplicidade com a natureza, e, sobretudo no que diz respeito às suas angústias e inquietações frente às injustiças sociais, à intolerância e ao preconceito por parte das classes dominantes e dominadoras, se faz pela fala de Miguel.

Assim, olhar as aventuras de Miguel é olhar para a Amazônia nas experiências deste escritor, advogado, jornalista, geógrafo e político de grande influência na região, que era Alenquer no Estado do Pará. Dentre o seu círculo de amizades, homens importantes da história política do Brasil, como João Goulart, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, tanto, que ao longo de sua vida exerceu vários cargos públicos, como resultado de seu carisma e liderança que, desde a sua juventude, na cidade de Alenquer, já demonstrava. Além de uma formação intelectual que o levaram a classificar-se a si próprio como um ecologista e sua ficção como um manifesto ecológico, em entrevista concedida ao jornalista Mario Drumont.

Melhor ilustrando, desde muito jovem, já demonstrava liderança e talento para a política, se apresentando sempre como defensor das classes menos favorecidas. Apesar de ser de família mais abastada, tinha amigos entre as classes mais pobres, o que caracterizou um dos capítulos mais emblemáticos de sua biografia:

Outro fato que evidencia os seus ideais e o posicionamento político ideológico foi a fundação e construção da Sede do Sport Club Internacional. Na década de 50 havia apenas um clube dançante na cidade de Alenquer, denominado de União Esporte Clube, fundado em 01 de junho de 1917. Nos bailes, promovidos pela diretoria do clube União Esportiva não era permitido a entrada de negros, pobres, embora a maioria dos jogadores fossem negros e pobres. Quando realizavam os bailes, eles eram impedidos de entrar, por este motivo surgiu a expressão "Serenar na frente da União", pois passavam a noite no sereno, ouvindo música do lado de fora. Benedicto Monteiro era da

Elite e também jogador do União, ocupava a posição de goleiro. Certo dia, final de 1954, tentou entrar com seus amigos no União, contudo não deixaram. Disseram que ele podia entrar, mas os amigos não. A maioria de seus amigos era pobre. Houve um grande tumulto na porta da festa. E Benedito falou que se os amigos não entrassem, ele também não entraria. Logo motivados por tal episódio, os amigos com auxílio de pedreiros, marceneiros, empresários, Funcionários Públicos, vereadores, agricultores, pescadores e pecuaristas decidiram construir uma sede para que todos pudessem entrar. (MONTEIRO, 2014, p.20/21)

Este fato, contado por sua prima Nina Aurea, é emblemático para relatar quem foi Benedicto Monteiro, seu posicionamento político, o status regionalista de sua obra, mais ainda, poderia até explicar a perseguição que sofreu por parte dos militares. Afinal de contas, um jovem de origem abastada tão próximo do povo, facilmente seria confundido com um “comunista”. Esta, por sua vez, era a principal acusação sofrida pelos opositores ao regime militar ou aqueles que, por algum motivo, eram vistos como opositores por parte dos oficiais do regime.

A sua formação acadêmica nos fornece importantes indícios sobre a influência do contexto sobre a obra literária (Peter Gay, 2010); pois ao se deslocar para a Capital (Belém), para estudar no colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, viveu uma contradição que muito se identifica nas experiências do personagem estudado. Segundo relatos de sua prima Nina Áurea, na sua obra que conta a história da Ditadura Militar em Alenquer-Pa, (MONTEIRO, 2014), teve dificuldades de se adaptar ao contexto urbano, dentro de um internato, pois suas habilidades, que fizeram dele um jovem tão admirado em sua cidade natal, como nadar, pescar, montar a cavalo, em nada contribuía para a sua vida acadêmica. A qual deu continuidade no Rio de Janeiro, onde iniciou o curso superior, na Faculdade Nacional de Direito. Mas retorna à capital do Estado do Pará para concluir seus estudos na Faculdade de Direito do Pará. Logo após a sua formação, começou a atuar na área, voltando para Alenquer, onde passou a exercer a atuar na área, o que o aproximou da política. Pois desenvolveu um trabalho de assessoria jurídica para a prefeitura desta cidade, nos mandatos dos ocupantes do cargo Aricíne Andrade e Heriberto Batista.

Certamente, esta aproximação o trouxe para a política, em virtude de sua liderança e formação consistentes. A partir de então, exerceu cargos de vereador, pretor e, por ser geógrafo, o personagem descreve com grande conhecimento a natureza da região. No caso da obra síntese, O homem rio, ele demonstra conhecer plenamente a estrutura hidrográfica:

Esses rios – depois eu vim saber – eles se enrolam nessas águas todas. Me disseram que são o Araguaia, o Tocantins, o Capim, o Acará, o Moju, o Jacundá, o Pacajás, o Araticu e o rio Guamá. Eles formam paresque o rio Pará. Eles formam até o próprio rio Amazonas na saída para o mar. Já o rio Amazonas, esse pai-d'égua então, me disseram que ele desemboca no oceano Atlântico, formando esse montão de ilhas na frente de Belém e na ilharga da grande ilha do Marajó. (MONTEIRO, 2008, p.10/11)

Ainda tomando como foco a tetralogia amazônica, onde se encontra a visão de Benedicto, através da narração do personagem Miguel dos Santos Prazeres, pode-se afirmar que é, justamente, a Amazônia que encontramos, dentro dos seus aspectos socioculturais. Entretanto, a Amazônia aí não se dispõe de qualquer forma, similar a outros tantos romancistas da terra. Nestas obras, se dispõe através da sua gente, do seu vocabulário, da sua forma de vida, da sua organização econômica, da sua miscigenação cultural. Segundo o professor doutor José Guilherme de Oliveira Castro, pesquisador que trabalha da obra deste escritor:

Ele andou pelo interior, nas campanhas políticas, e recolhia muita fala daquela gente toda, daquelas cidades, não só dos ribeirinhos, mas também de outras cidades da zona rural. Então ele achava muito interessante aquele linguajar. Ele queria desenvolver uma tese sobre linguística. Só que quando a revolução triunfou, a casa dele foi invadida e pensavam que era material subversivo e destruíram a maior parte. O que restou, ele criou as personagens dele, inclusive o grande herói, que é o Miguel dos Santos Prazeres, que é a personagem máxima da obra do Benedicto. DIÁRIO ONLINE. Personalidades históricas no Pará: Benedicto Monteiro. Belém: TV RBA, vídeo 3min.18 (três minutos e dezoito segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xhQt9pEyDmc&feature=youtu.be>. Acesso em: 20 de Mar de 2018.

Neste contexto, dizer quem foi este escritor, este romancista com abordagem regionalista e politicamente engajado, que nos mostra a Amazônia através da sua obra, que faz uma fotografia clara e nítida da sua gente, através dos olhos do seu personagem, é um grande desafio. A sua e nos remete a um material vasto que vem de outras pesquisas científicas, de blogs na internet, de artigos publicados, etc. Nos remete também à vivência comunitária de Benedicto Monteiro entre as fontes que lhe conferiu o grande conhecimento sobre a Amazônia: os homens e mulheres com os quais conviveu na sua juventude, na sua Alenquer.

O material colhido para a tessitura dos romances regionalistas veio da sua própria vivência entre os cabocos amazônidas, do município de Alenquer, na fazenda de sua família, onde trabalhou como administrador e onde viveu parte de sua vida;

bem como do seu encontro com eleitores, como foi relatado por CASTRO, em entrevista ao jornal Diário Online, em 7 de Dezembro de 2010, aqui descrita.<sup>5</sup>

Pode-se afirmar que Benedito Monteiro foi um escritor que assumiu politicamente a posição de resgatar, de defender, de registrar aspectos tradicionais da cultura do amazônida, no contexto temporal da ditadura militar no Brasil, como um projeto de atuação política, assumido diante do contexto de repressão vivido no período histórico. Daí sua visão complexa em torno da política nacional e as políticas ecológicas voltadas para a floresta que, segundo enfatizou em entrevista concedida em 12/01/2005 a Mario Drumont, atende ao capital estrangeiro, em virtude da total falta de conhecimento por parte dos representantes políticos do potencial econômico deste ecossistema.

Nesta entrevista, Benedito Monteiro enfatiza forte posicionamento político pela Amazônia. Nela demonstra conhecimento em várias áreas, como política, economia e cultura, com grande preocupação acerca da exploração da região por parte do capital estrangeiro, o que, segundo sua posição, representa uma falta de atuação do próprio Estado Brasileiro, no sentido de apoiar as comunidades locais em prol do desenvolvimento sustentável.

Inclusive, acerca da sua atuação política, bem como sua experiência na coleta de dados linguísticos para a elaboração de uma dissertação, com gravações de fitas e fichas com as falas dos ribeirinhos, dos homens da mata, desde Alenquer até do Rio Amazonas (PACHECO, 2017, p. 3318), conferiram a ele uma visão sociocultural bastante ampla. Tudo isso, o levou a ver sua obra como um instrumento político para apontar o silenciamento e colonialismo cultural sobre os povos da floresta.

Para tanto, a língua foi o instrumento de investigação e de evidência, isto é, Benedito Monteiro utilizou a oralidade dos povos da Amazônia através da escrita. Assim, segundo o que coloca Marcel Franco da Silva (2010, p.), há forte relação entre essa oralidade a imaginação e a literatura buscando conversar com Zumthor e Chartier.

Para ilustrar melhor o momento político da ditadura militar em Alenquer para Benedito Monteiro - líder político importantíssimo nesse contexto - e sua família, a

---

<sup>5</sup> Segundo o escritor João Ferreira, no texto de apresentação do livro Elementos Míticos no Minossauro de autoria da prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Pereira Coelho, todo o material linguístico com o português fundamental da região utilizado pelo escritor em sua obra O Minossauro foi reunida em 150 cassetes.

história do “poço da sabedoria”, de Dona Jacinta Arrais, esposa do seu primo e companheiro político, Aldo Arrais:

Quando aconteceu o golpe militar, em 31 de março de 1964, Aldo Arrais encontrava-se em viagem oficial à Belém. Seu irmão, Aníbal Arrais, que era militar o convidou para que o acompanhasse até o Quartel para prestar alguns esclarecimentos militares. Não tendo dúvida sobre a boa-fé do irmão, o acompanhou. Após o interrogatório “o deixaram preso por uns três meses. Não consegui falar com ele, fizemos várias tentativas de falar de uma funia que tinha na casa do Sr Lulu, pai do Bené”. A aflição e preocupação que contagiava amigos e parentes, que ao visitar Dona Jacinta aconselharam-na a jogar dentro do poço todos os livros de capa vermelha, da biblioteca de seu marido, pois segundo os mesmos, eram livros “comunistas”, bem como as armas da coleção particular de Aldo, que os militares afirmavam tratar-se de armas do arsenal dos “comunistas” para efetuar levante nacional apelidado de “República Sindicalista”, que deveria ocorrer no dia 1º de abril, e os militares antecederam-se com o contra golpe no dia 31 de março de 1964. Pelo fato de terem entupido o poço de panfletos, cartazes e livros de capas vermelhas. Livros esses pertencentes à coleção de Direito, tão estudados e valorizados por Aldo. A família Arrais o denominou de “Poço da sabedoria”. Enquanto empregadas, parentes e amigos jogavam os livros no poço, Jacinta encontrava-se em estado de choque, pois estava de “resguardo” de parto de sua filha Hilma, nascida em 12 de Março. (MONTEIRO, 2014 p. 36/ 37)

**Fotografia 06:** Benedicto Monteiro preso pela ditadura



Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

Muito Jovem foi estudar na capital do Estado, no Colégio Marista. Mas foi no Rio de Janeiro onde terminou seus estudos ginasiais. Nesta cidade, começou a exercer o jornalismo e a escrever. Foi um momento muito importante da biografia deste homem tão intrigante e mente claramente diferenciada.

O primeiro de tantos livros escritos e publicados foi “Bandeira Branca” um livro de poesias prefaciado pelo também paraense Dalcídio Jurandir. Mas não foi apenas o romance e a poesia que fizeram o repertório literário de Benedicto. Livros de Contos, como “O Carro dos Milagres”, uma obra que foi leitura obrigatória do vestibular; textos jornalísticos; História do Pará e Sustentabilidade, também enriquecem sua bibliografia. Além de Maria de todos os rios, como se faz um guerrilheiro: novela; Ecologia e Amazônia: idéias sobre a alfabetização ecológica. Aqui não se pode deixar de frisar os prêmios de literatura conferidos a várias de suas obras, como é o caso do seu livro de contos, pela Academia Paraense de Letras; bem como o Prêmio Nacional de Literatura da Fundação Cultural do Distrito Federal, pelo livro “A Terceira Margem”. (Diário do Pará, 2010)  
[http://www.diariodopara.com.br/hotsite/orgulhodopara/noticias\\_cont.php?idnot=83992](http://www.diariodopara.com.br/hotsite/orgulhodopara/noticias_cont.php?idnot=83992)

A sua história de vida lhe confere elementos substanciais para fazer de sua obra verdadeiro registro histórico sobre a vida, a educação e a cultura dos povos da Amazônia. Daí o interesse acadêmico em torno do olhar científico sobre sua obra, a partir das quais é possível diversas abordagens e recortes sobre a Amazônia, surgindo muitos estudos.

Por isso tudo, o mundo percebe logo a relevância de suas obras para a literatura na região. Benedicto e sua obra vem sendo estudado na academia no mundo inteiro, com trabalhos nas diversas áreas das Ciências Sociais, como é o caso dos trabalhos do professor doutor José Guilherme de Castro; Marcel Franco Silva e Isabel Cristine Mendonça Silva, Abílio Pacheco. Neste sentido, destaca-se uma pesquisa feita no curso de doutorado na Universidade do Texas, do alemão Klaus Meyer Koeken, A ilusão da oralidade no romance brasileiro: simular situações reais de fala em três "histórias orais contadas" (KOEKEN, 1990, tradução nossa). Sendo que o trabalho de doutorado do pesquisador alemão na Universidade do Texas – Estados Unidos não foi encontrado para pesquisa em meios virtuais.

Outra amostragem relevante do impacto deste romancista para a literatura, em âmbito mundial, é um trabalho desenvolvido nos Estados Unidos, na Universidade Estadual de San Diego, na Califórnia, do professor americano Malcon Silverman,

“Protesto e o novo romance brasileiro”, através do qual se enfatizou a obra Verde Vagomundo. A sua tradução para a língua portuguesa rendeu uma premiação da Associação Paulista de Críticos de Arte, de melhor livro de ensaios. LIVRONAUTAS. **Benedicto Monteiro – Biografia**. In: Libronaltas. Local e data não disponíveis. Disponível em: <http://www.livronautas.com.br/ver-autor/5444/benedicto-monteiro>. Acesso em 30 de Jun de 2019.

Contextualizando a vida de Benedicto nesta dissertação, é importante frisar que esta apresenta um ineditismo no recorte, pois se volta para os elementos emanados da sua experiência, através do texto, enfatizando os processos educativos não formais e todos os aspectos que estão a eles relacionados. Isso se concretiza nas obras em questão, porque o nosso escritor não só conhecia muito bem a região, como nutria grande admiração pela sua gente.

Além da diversidade dos temas literários, ele foi um intelectual. Líder na juventude, entre seus conterrâneos, foi vereador, deputado estadual e deputado federal. Desde jovem demonstrou este grande talento em influenciar pessoas, arrendou um grande número de aliados políticos, representando um partido político de esquerda, daí a relação que os militares fizeram entre o escritor e um suposto levante comunista. Informações que podem ser observadas na obra de sua prima Nina Áurea Monteiro, “Os silêncios da cubinha”, de 2014, cujos trechos podem ser observados neste trabalho, para melhor contextualizar autor e obra, à história, no que tange ao período da ditadura militar no Brasil.

Segundo o blog alimentado pela família do escritor, foi promotor de justiça, juiz de direito, secretário de Estado, membro do legislativo nas três instâncias, membro da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Pará e professor de Direito agrário.

**Fotografia 07:** Benedicto Monteiro

Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

As diversas fontes deixam claro é que foi a política que deixou marcas profundas em sua vida e na vida de tantas pessoas que o cercavam. Alenquer, sua cidade natal, jamais esquecerá momentos tão difíceis. O escritor passou a ser perseguido pelos militares ainda antes de ser deflagrada a ditadura militar, no ano de 1964. Em razão de ser filho daquela cidade – um filho ilustre, muito admirado por todos, um verdadeiro líder – e ter muitos amigos e aliados políticos, ao ser deflagrado golpe militar e o escritor passar a viver escondido nas matas, houve um clima de grande tristeza, de abalo geral de toda a população. Como já foi dito, era um filho ilustre e querido na cidade. A dificuldade que os militares tiveram para encontrar – Bené escondeu-se dos militares por um grande período – conferiu à Região de Alenquer o título de “cubinha”.

Por isso, passou a vigorar um “toque de recolher” a partir das 18 horas; uma ordem de se impedir aglomerações. Ao serem interrogados, as perguntas dos militares eram sempre as mesmas: “onde estava o Bené?” Como eram, em sua maioria sem sucesso, a cidade de Alenquer era a “cubinha” que escondia Bené, o “subversivo”. Falava-se da ameaça de um levante comunista. Os relatos dos moradores da cidade eram assustadores, como mostra sua prima Nina Áurea Monteiro, que fala sobre sua cidade à época do Golpe:

Eles ficavam em todas as esquinas. Seis da tarde ninguém podia mais sair na rua. Os barcos, as viagens só com o consentimento deles. Tinha vários Capitães, Coronel eram uns 4.(...) Tinha hora para recolher, era as seis (18h.00 min horas) (...) eu lembro que eles colocaram os carros todos enfileirados aí na Travessa Hemenegildo Valente. Apesar de que não tinham muitos carros



naquela época. Mas, a fila deles foi daí da paróquia até a esquina dos Moraes. Até o carro do padre ficou detido (...)  
Revistaram tudo, procurando documentos, armas e dinheiro comunistas. Ninguém podia entrar, nem sair sem autorização deles. Tantos os barcos como as canoas eram revistadas tomando nossas armas e munições.(...) (MONTEIRO, 2014, p. 99)

Assim, os personagens da saga de Miguel são recriados à luz das experiências do autor nas comunidades no interior, no contexto da ditadura militar no Brasil e pós-ditadura.

Após esse período, com os direitos políticos cassados, o homem perseguido pela ditadura encontra na literatura a forma de fazer política pelos seus conterrâneos. Em entrevista dada ao Diário do Pará, em 2008, o próprio Benedicto enfatizou que a cassação permitiu com que voltasse a escrever. E, como reconhecia a existência de um processo colonizador sobre os povos do Baixo Amazonas, usava este instrumento como forma de impedir seu desaparecimento, diante do “progresso”. (Diário do Pará, 29/06/2008)

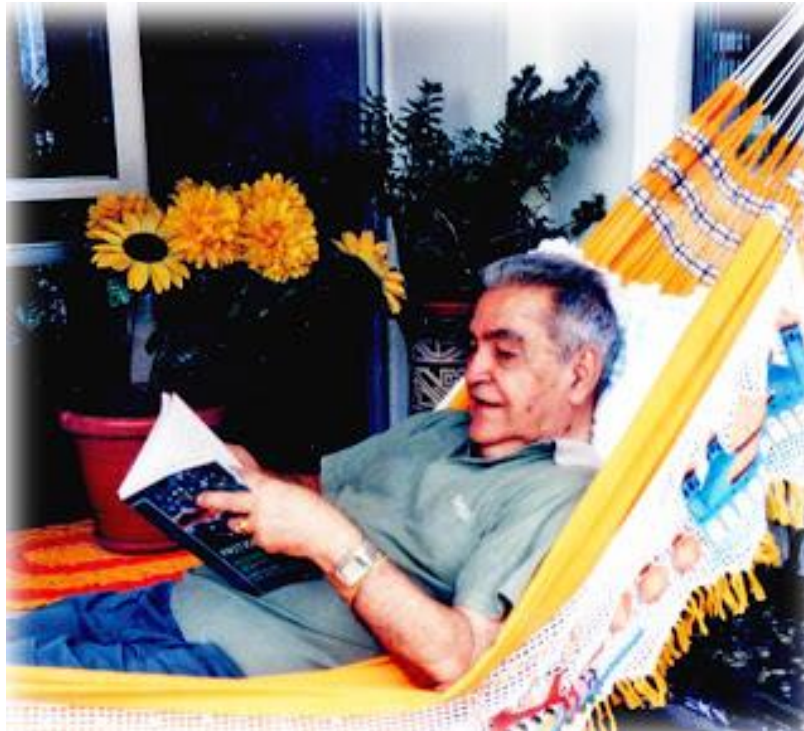
Além de todo o interesse acadêmico em torno da obra e da vida de deste escritor paraense, outro indício que evidencia o reconhecimento desta personalidade e do seu conhecimento no campo da História do Pará, é a publicação do Livro História do Pará, organizada em fascículos, pelo Jornal O Liberal, no ano de 2001. Nesta obra, aspectos relevantes da história de ocupação, a caracterização cultural e dos fatos históricos do Estado.

Este grande nome da literatura, do direito e da política, em junho de 2008, morreu enquanto fazia tratamento para câncer. Segundo o portal de notícias ORM<sup>6</sup>, em 15/06/2008, durante o tratamento de câncer nos ossos, Benedicto teve complicações que o levaram a ter de ser submetido a uma colostomia. Esteve na UTI do Hospital Porto Dias, em Belém, obteve melhora e depois deixou a Amazônia em luto.

---

<sup>6</sup> Organizações Rômulo Maiorana

**Fotografia 08:** Benedicto Monteiro



Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

## SEÇÃO 4 – O REVISITAR DA MEMÓRIA: TRAMAS E TEIAS DAS IDENTIDADES CULTURAIS NA ESCRITA DE BENEDICTO MONTEIRO

- A Trajetória do caboco Miguel dos Santos Prazeres: um breve olhar sobre os romances Verde vago mundo, o Minossauro, A terceira margem, Aquele um e O homem rio.

**Fotografia 09:** A tetralogia monteriana



Fonte: Acervo da pesquisa

**Quadro 1:** Obras em análise

### Tretalogia Amazônica:

- *Verde vago mundo*
- *O minossauro*
- *A terceira Margem*
- *Aquele um*

### Obra Síntese:

*O Homem rio*

O caboco Miguel dos Santos Prazeres, representação literária do homem da Amazônia, de Benedicto Monteiro, aparece na maioria das obras do escritor. Em algumas obras, ele aparece como o narrador, em outras o personagem que é de suma

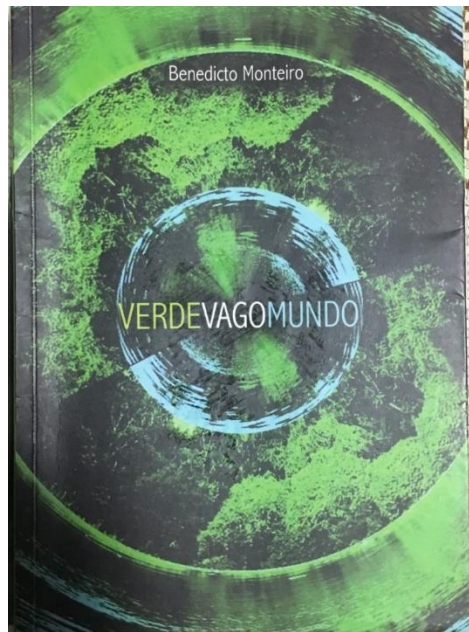
importância para o desenrolar dessas histórias. Pode-se conjecturar que se trata de um personagem que evidencia a própria vivência do escritor, ou seja, trata-se de um personagem que reflete a experiência de Benedicto junto às comunidades amazônicas do interior do Estado do Pará, na cidade de Alenquer e em sua zona rural. Tudo isso é contado através da poética e de narrativas romancescas, na tetralogia amazônica composta pelas obras *Verde vago mundo*; *Aquele um*; *O minossauro*; *A terceira margem* e a obra síntese, *O homem rio*.

Assim, olhando para este personagem, através das obras, observa-se as experiências, de vida, de trabalho, da crença, de cultura, de imaginário, de saber, que faz o leitor (re)conhecer-se como tal ou conhecer o caboco. Esse reconhecimento, levando em consideração a ilustração concebida por esta pesquisa, se estrutura sobre como a cultura, a memória e a educação na Amazônia e se evidencia, no cotidiano das comunidades cabocas, nestas narrativas, que têm como personagem central, o herói caboco amazônico, Miguel dos Santos Prazeres, de Benedicto Monteiro. Tudo isso, tendo como objeto, o processo de elaboração identitária, imerso na constituição deste personagem.

Para tanto, é de fundamental importância mergulhar no universo destas obras, através de breves observações feitas ao longo das diversas leituras feitas neste processo de construção. Além de breves, essas observações são despretensiosas, não podendo ser tampouco caracterizadas como um resumo. São apenas algumas notações de leitura, daquilo que soa mais relevante para o entendimento geral destas obras, à luz do recorte científico aqui adotado.

### 2.1.1 Verde Vago Mundo

**Fotografia 10:** A obra Verde Vago Mundo



Fonte: Acervo da pesquisa

Na sua obra Verde vagomundo, o narrador é o Major Antônio de Medeiros, o qual relata uma experiência ao retornar para a cidade de Alenquer, com o propósito de vender as propriedades que herdara. Com toda a sua perplexidade e estranheza em relação a um mundo ao qual não mais pertencia, a um espaço que ficou no passado e que parecia ter parado no tempo. Após fazer amizade com o personagem elo da tetralogia, o narrador do romance passa a registrar os relatos de Miguel em fitas cassetes, que revelavam suas aventuras; bem como a visão da comunidade acerca de si.

Em Verde vago mundo, o autor lança mão de instrumentos literários diversos para contar esta história, tal como a poesia, narração, áudios gravados em fita e a contextualização através de notícias de um rádio transmissor. Nesta história, Miguel surgiu como um personagem de grande relevância e é essencial para o desenrolar da trama. Na fita número dois, a gravação mostra o momento em que o major Antônio de Medeiros que se aproxima da natureza e o caboco Miguel passa a ser seu guia, pois é um excelente mateiro, que pode guiá-lo pelos caminhos que o levam a conhecer as suas propriedades, uma vez que sua intenção é levantar o valor real do seu patrimônio, para que possa fazer um bom negócio. Logo, é importante frisar que, neste

momento, o autor aproveita para descrever quem é esse caboco amazônida, quais são as suas características:

É, ele tem no tipo físico, todas as características do nosso caboclo<sup>7</sup> típico. A começar pela cor morena que é meio indefinida. Não é moreno amarelo como muitos, é moreno cor-de-cobre-quase-roxo. Já reparou como ele tem os olhos claros e amendoados? Os cabelos já são lisos, mas a compleição é atlética. O que é de admirar, porque a gente que habita a beira desses rios é bastante raquítica. Mas é nas feições que as três raças mais se misturam: os olhos, o nariz, e a boca conservam de todas elas um pouco. Creio que até ele tenha algumas gotinhas de sangue branco. Ele é um protótipo, ou como diz o povo: ele é um tipo por demais caviloso. Agora eu lhe garanto, isso eu lhe garanto na hora precisa, ele saber ser tudo: manso, dissimulado ou atrevido. (MONTEIRO, 2009, p. 40)

A forte religiosidade, relacionada à Igreja católica, mostra a questão do Santo que “foge” e que acaba por se tornar uma grande festa de devoção. Nesse contexto, o narrador relata aos leitores como ocorreu a construção dessa lenda em torno da imagem do santo padroeiro da cidade, sempre relacionando com o imaginário e as características geográficas da localização da cidade de Alenquer. É importante frisar que estrutura lendária é comum em várias localidades na Amazônia e em outras localidades, Brasil afora, como é o caso da lenda do caboco que encontra a imagem da Nossa Senhora de Nazaré, às margens de um rio em Belém do Pará e origina o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, santa católica que é conhecida como a padroeira da Amazônia.

Quanto às perseguições políticas, seguiam uma racionalidade específica: instalou-se uma comissão investigadora, cujos depoimentos foram decisivos para caracterizar a organização da pirotecnia da festa. Na verdade, a execução de um plano subversivo, de organização nacional e não a mera expressão de fé de um homem simples, cuja religiosidade era de suma importância, pois se relacionava com a sua história de vida, suas crenças, suas decepções e o seu próprio contexto cultural. Sobre esse contexto, marcado pela repressão, contexto destas obras literárias,

---

<sup>7</sup> Apesar de o escritor Benedicto Monteiro utilizar a expressão “caboclo” para se referir ao homem típico da Amazônia, fruto da miscigenação de várias origens étnicas, este trabalho irá tomar como base a expressão “caboco”, como alternativa que melhor se encaixa nesta pesquisa, uma vez que é a expressão utilizada no contexto desta região e a estrutura linguística é de suma importância tanto para a obra deste romancista, quanto para a presente investigação.

À edição do AI-5 seguiu-se o aperfeiçoamento do sistema repressivo nacional, com a adoção de novos instrumentos de reforço do Poder Executivo e controle da oposição. Cresceu, também, o rigor no tratamento dado aos presos políticos, que começaram a recorrer a antigos métodos de luta para obter melhoras em suas condições carcerárias. Em 1969, os militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) que estavam presos nas ilhas das Flores e das Cobras, na baía da Guanabara, fizeram greve de fome, para que fossem atendidas as suas reivindicações quanto à liberação de visitas. Em fins de outubro de 1970, nova greve de fome seria deflagrada na Ilha das Flores, agora contra o sequestro de três presas políticas da Penitenciária Feminina de Bangu, que haviam conseguido o relaxamento da prisão por ordem do Superior Tribunal Militar (STM). (LEMOS, 2018, p. 87/88)

Entretanto, Miguel resistiu, ateando fogos nos instrumentos que deveriam ser usados durante os dias da festa, de uma vez somente, contrariando o regime. A resistência contra o regime militar, em todo o mundo reprimido, passa a ter destaque e o personagem foi um elemento de resistência, dentro desta narrativa, nesta cena específica.

Ainda acerca da contextualização, o escritor Benedicto Monteiro lança mão da poesia para melhor expressar nuances importantes para a descrição do espaço-tempo amazônica, onde o romance se desenrolava. Os vários tons de verde aparecem em vários momentos em uma estrutura poética, pois somente a poesia poderia ser uma tentativa feliz em descrever a beleza do ambiente da floresta. Para tanto, a repetição da palavra verde, vem mostrar tudo o que o personagem via. Assim,

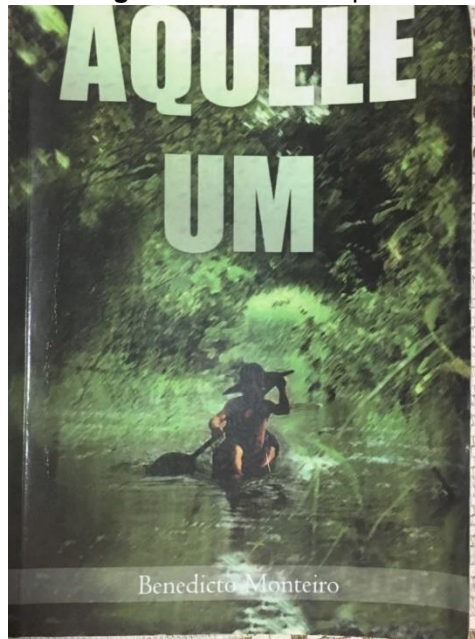
As constantes repetições da palavra verde enfatizam o colorido do cenário em que se desenrolam os episódios da narrativa de *Verde-vagomundo*. Tal fato, além de justificar o título do romance, também contribui para que se observe, não somente os diferentes tons da paisagem, mas também a situação geográfica do lugar que isola o caboclo, levando-o à solidão, ao abandono e à desesperança, bem como conduz as atividades dos habitantes da região – lavrador, o balateiro ou o colhedor de juta. (CASTRO, 2001, p. 42)

A obra termina com o poético e colorido show de fogos de artifício de Miguel, apesar de todas as tentativas de impedimento à promessa do Caboclo Miguel ao santo padroeiro da cidade de Alenquer.



### 2.1.2 Aquele Um

Fotografia 11: A obra Aquele Um



Fonte: Acervo da pesquisa

Na obra *Aquele Um*, de 1975, obra que, segundo o professor José Guilherme de Castro (2001) é a última obra da tetralogia, o personagem Miguel aparece como o narrador principal. Ele conta novamente sua vida através de inúmeras histórias e aventuras, em diálogos com um Major do exército, com um geólogo e com um geógrafo. Para tanto, lança mão de suas memórias e de todo o conhecimento que acumulou na sua vivência e nas suas andanças. Não criar raízes é uma das características mais marcantes deste personagem, que conta com as principais nuances do caboco amazônida.

Ao Major, o diálogo se desenrola, basicamente em torno da traição que sofrera de sua mulher, que o fez passar anos fora de seu convívio familiar, “correndo terra”, expressão bastante utilizada nesta obra, bem como de seu retorno e de tudo o que vivenciou em sua viagem. Todas as suas experiências o fizeram ainda melhor conhecedor das matas e dos mistérios da Amazônia.

Miguel, sempre enfatizando sua posição de herói, começa a falar sobre a influência dos vaqueiros, para os quais, não se deve criar laços, tampouco se apegar seriamente a uma mulher. Daí sua tentativa de encontrar uma árvore que sirva para representá-lo junto aos familiares, quanto estivesse ausente. Esta procura demonstrou grande conhecimento da vegetação, sua experiência como mateiro, que



já apareceu nas outras obras. Aí fica claro a contradição entre as três pessoas mais influentes em sua vida, que são seu pai, sua mãe e seu padrinho.

Por um lado, para seu pai, Miguel não deveria se apegar a mulher nenhuma e sim correr o Mundo. Por outro lado, sua mãe deseja que Miguel se case e assente seu destino. Mas foi o coração que Miguel seguiu, deixando um pau-mulato para lhe representar e sua namorada, Joana, para atrás.

Narra o retorno e de como a vegetação sofre transformações ao longo do tempo, o que fez com que Miguel tivesse dificuldades para encontrar o pau-mulato que o representara, deixando bem claro o respeito e cuidado que reservava à natureza.

**Fotografia 12:** Pau-mulato



Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

Além do mais, fala de todas as aventuras que viveu em suas viagens, andando pelas águas em várias localidades, mas sem fixar morada em nenhuma, bem como as contradições em torno da traição que sofrera de sua mulher, que o abandonou. Para seu padrinho, ele deveria vingar-se, mas Miguel sabia que isto não se tratava de uma característica sua.

Miguel relata sobre seu padrinho, sobre o Nordeste que deixou para traz e o cangaço; bem como das terras de dimensões continentais que, segundo Miguel,

proporcionou-lhe o desgosto da traição. Terras continentais e vazias. Tanto que, para encontrar o vizinho mais próximo, tinha que correr grandes distâncias.

A comparação da Amazônia com uma região que Miguel conhecia apenas pelos relatos de seu padrinho, era um aspecto que Miguel enfatizava ao Major. O Nordeste, para ele, vinha através dos conselhos e das histórias de seu padrinho misterioso. Para ele, em sua região, não poderia existir uma traição como a que o personagem sofrera, sem a devida vingança. Esta, por sua vez, para o personagem, tornara a morte mais humana, em detrimento do se ofício de matar sem ódio.

No segundo momento da obra, há um diálogo com um geólogo, em que conta sobre a conversa com o Major; assim como sobre a questão dos fogos para homenagear o padroeiro da cidade que, no entanto, fez com que Miguel fosse dado como subversivo à ditadura militar. E, novamente relata este momento, que, para ele se tornar uma lembrança, ao mesmo tempo, doce e fantástica, tanto que dizia que este fora o momento de seu renascimento.

Fala de seu padrinho e relaciona seu apelido e importância que ele tem em sua vida, inclusive no tange à sua imagem diante da comunidade. Com relação às práticas de cura, que Miguel atribui sua proteção e sua cura às práticas medicinais de origem africana; como das beberagens. Diziam que ele era curado por seu padrinho, inclusive as diversas habilidades de Miguel as pessoas atribuíam a ele. Outra situação revelada ao geólogo é a sua falta de interesse em emprego fixo, pois exercia diversos ofícios, alguns serviços pagos até com goles de cachaça.

Contou, também, a história de um papagaio que passou a ser visto como um bicho santo, por conseguir escapar das maldades de Nego Tinta, capanga do Coronel Laudemiro, que tentara, sem sucesso, entregar a ave como comida para uma jiboia.

Ao geógrafo, Miguel falou de suas andanças sobre as águas, seu conhecimento sobre a geografia da região; bem como sobre os sentimentos envolvendo a navegação em sua “canoinha gita”. Todas essas aventuras levaram Miguel a falar sobre seus filhos, bem como dos sentimentos em relação à paternidade, como se tornou pai de sete filhos de etnias diferentes e fala detalhadamente de cada um.

Por fim, “Aquele um” termina com a descrição de um momento vivido por Miguel que gira em torno das lendas amazônicas. Um encontro contado de forma poética com a uma entidade que o próprio personagem tem dúvidas se se trata da cobra grande.

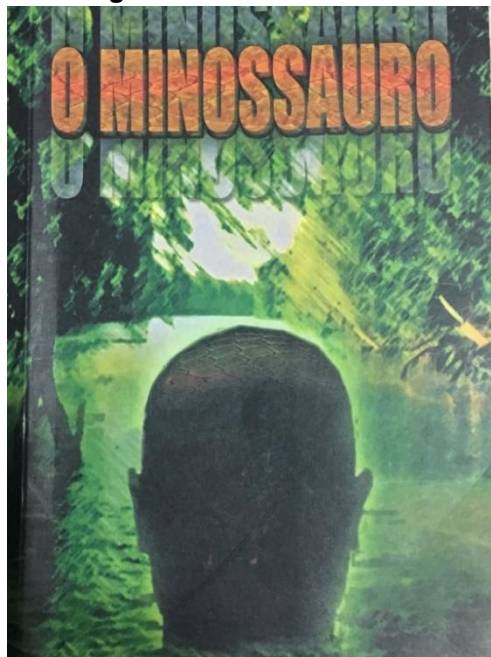
**Fotografia 13:** O papagaio



Fonte: <http://benedictomonteiro.blogspot.com>

### 2.1.3 O Minossauro

**Fotografia 14:** Obra O Minossauro



Fonte: Acervo da pesquisa

Com esta obra, Benedicto Monteiro, segundo Maria do Carmo Pereira, na introdução do trabalho de Mestrado em Literatura “Elementos Míticos do Minossauro”, da Universidade de Brasília (PEREIRA, 1983) inaugurou o verdadeiro ciclo da

Amazônia, introduzindo, além da renovação do enfoque do tema, outras muitas inovações na linguagem. Neste sentido, vale ressaltar, a riqueza de elementos da cultura Amazônica é mostrada através de Miguel, seu personagem narrador. E a linguagem é uma evidência nesta obra.

O Minossoauro se inicia com Miguel dos Santos Prazeres contando sobre como renasceu através dos fogos de artifício, que queimou na festa de Santo Antônio, o padroeiro da sua cidade de Alenquer, como uma promessa ao Santo, para 9 dias e 9 noites, como também já foi narrado nos outros romances, no entanto, o personagem queimou tudo em uma hora. Ele narra com orgulho acerca do seu feito, do barulho, dos formatos, das cores; bem como do feito de ter queimado tais fogos, na sua promessa, apesar do desejo de um dito coronel em prender seus foguetes.

Neste contexto, narra sobre um assunto muito importante para a região, que são os processos de cura que, segundo ele, ocorria através das práticas de cura dos pretos, com ervas, rezas, benzições, canto e dança. Miguel demonstra fé e afinidade com essas práticas medicinais, como é o caso das mordidas de cobra: as pessoas atribuíam ao seu padrinho Possidônio. Lendas que giram em torno da aura misteriosa desse personagem. Mas o caboco que narra a história atribui sempre às rezas e às beberagens para a cura de um veneno que, segundo ele, somente ele sobreviveu.

Em seguida, narra um momento de delírio de febre por malária em que, segundo ele, nem o remédio dos pretos o tiraram do perigo. O seu padrinho o teria levado em um passeio a cavalo, e se dá um encontro com uma entidade fantástica, característica do ideário da região, que Miguel não tem certeza de quem se trata: Cobra Grande? Matinta Pereira? Jurupari-taraca?

A fama lhe é atribuída a ele em razão do seu padrinho, cuja figura intrigante e misteriosa atrai muitas lendas, como a de ter ensinado ao caboco as diversas habilidades de forma a se orgulhar, tais como pescador, caçador, mateiro.

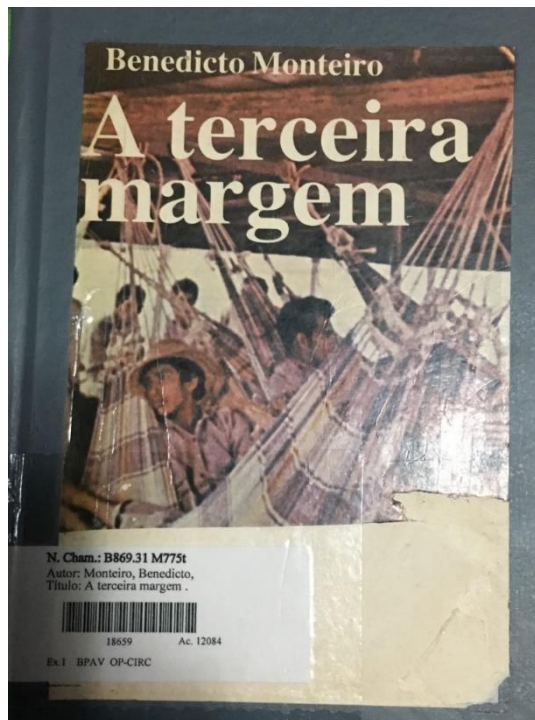
Miguel demonstra ser um profundo conhecedor da geografia da região, através da sua exploração, como é o caso das águas. O que enfatiza a relevância deste elemento da natureza para a cultura do caboco amazônica, sendo este elemento de atuação de Miguel no Mundo, bem como meio de rememoração. Daí todas histórias surgirem a partir do rio e das suas viagens, a partir da quais conta de alguns personagens que encontrou nas suas “andanças” pelos campos, pelos rios da região, como nego Tinta e Coronel Laudelino.

Nesta obra, assim como Verde Vago Mundo, tem os elementos de contextualização temporal de rádio, bem como a poesia. O que torna a obra ainda mais interessante, charmosa e atual. Trazendo para o leitor, assim, o contexto histórico, inerente à obra literária.

Paralelamente, conta a história de uma missão na região e a visão dos seus pesquisadores acerca da região. O Minossauro é uma visão que o último narrador da obra tem acerca da imagem do personagem Miguel, por seu porte físico.

#### 2.1.4 A Terceira Margem

Fotografia 15: Obra A terceira margem



Fonte: Acervo da pesquisa

Esta obra traz elementos importantes para a caracterização do caboco amazônida e da geografia da região amazônica. Nela, através de história de uma expedição na região, a obra mescla narradores, como o geógrafo, que procura pelo personagem Miguel e busca através da memória e das palavras, as lembranças de suas histórias contadas em outros momentos.

**Fotografia 16:** Rio Guamá

Fonte: Acervo da pesquisa

Num diálogo inicial, há uma reflexão em torno da polaridade campo-cidade, do crescimento urbano, bem como dos valores humanos que surgem com esta nova realidade social. Como a falta de amor, a falta de solidariedade, as vantagens efêmeras e a exploração do trabalho e da ocupação desordenada do espaço urbano. O que configura todo um contexto social, que caracteriza esses novos tempos.

O geógrafo fala das suas experiências anteriores, que estão em outras obras, como o conhecimento do Major Antônio de Medeiros, que vendera suas terras e desapareceu no Mundo. Paulo, o geólogo, um dos narrados de *Aquele Um* e o caboco Miguel dos Santos Prazeres. Este último carrega consigo a fama de apelidos curiosos: *Cabra da Peste*, *Minossauro*, que encontrava nas margens dos rios da região.

É, inclusive, sobre as margens que são recontadas as histórias de Miguel, em suas lembranças de momentos anteriores. Como é o caso de suas conquistas amorosas, que tomam forma em seus descendentes, cada um de uma origem étnica, mostrando a realidade multiétnica e multicultural da região. Além da queima de fogos em homenagem ao Santo Antônio, Padroeiro da cidade de Alenquer, que o fez fugir de um coronel da ditadura.

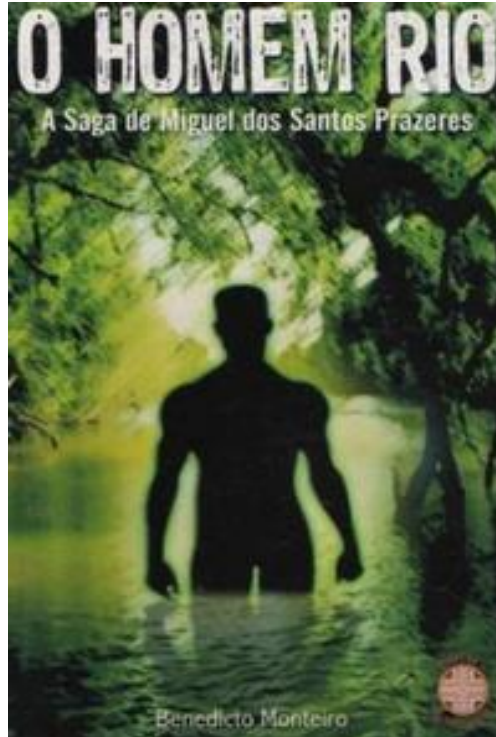
As viagens de Miguel o levaram a muitos lugares e muitas lembranças. Muitas recontadas através das margens, percorridas em sua canoa gita. Em todos os lugares, o geógrafo perguntara pelo caboco. E todos o conheciam, mas não sabiam dizer se estava vivo e onde estava. Mas a maior parte das lembranças das narrações de Miguel giravam em torno de seus filhos e das margens. Inclusive é na busca da terceira



margem que o caboco, ao final da obra desaparece ou delira desaparecer, sobre as águas calmas e brilhantes. Em que a religiosidade aparece como última característica, ao gritar por Deus e não conseguir ouvir a própria voz.

### 2.1.5 O Homem rio

Fotografia 17: Obra O homem rio



Fonte: Acervo da pesquisa

Na obra “O Homem rio”, Benedicto Monteiro apresenta a síntese da tetralogia amazônica em que o personagem central é Miguel dos Santos Prazeres, que aqui narra, fala da importância vital das águas e dos rios da Amazônia para o caboco. Este importante elemento literário tem sua relevância em razão de ser a obra mais atual e de abarcar os aspectos observados nas outras obras da tetralogia e servirá como uma importante fonte de análise para a presente dissertação.

Retomando à entrevista concedida pela escritora Wanda Monteiro, filha de Benedicto, dá detalhes muito importantes acerca desta última, da síntese das histórias e dos dilemas de Miguel:

O homem rio foi a última e mais dolorosa obra escrita por Benedicto Monteiro, esse livro apresenta a saga de Miguel dos Santos Prazeres, na busca de um novo lugar e na busca de respostas para sua visão de

mundo. Uma história que demonstra o quão impactante é a descoberta da cidade grande para o homem ribeirinho – é a história de muitos Benedictos contados por Miguel. (...) Miguel dos Santos Prazeres trata-se, na verdade, do alter-ego de Benedicto Monteiro. Atesto isso pelo que conheço de sua obra e por ter acompanhado de perto grande parte de todo o seu processo de criação literária e produção editorial de sua obra. A gestação de Miguel foi iniciada com o Conto “O Precipício”- publicado na revista Norte nº , em 1958 – e começou a evoluir a partir do livro de contos “Carro dos Milagres”. O dizer de Benedicto Monteiro, no que tange à sua proximidade cumplicidade com a natureza, e, sobretudo no que diz respeito as suas angústias e inquietações frente às injustiças sociais, à intolerância e ao preconceito por parte das classes dominantes e dominadoras, se faz pela fala de Miguel.

Apesar de ser o caminho escolhido pelo personagem para assumir o seu destino de viajante, depois de ter conseguido se livrar das maldades de seu padrinho Possidônio e da prisão do coronel da ditadura militar, as águas também passam a ser a sua prisão, pois em nenhum lugar consegue construir laços ou raízes. As águas são também o seu objeto de memória, cultura e Identidade, quando Miguel relata os momentos vividos sobre as águas, a familiaridade, o sentido da vida e o lugar de percepção e construção do fantástico e do mitológico amazônico.

Nem lhe conto o tanto que vivi nessas margens. A minha canoa paresque fazia parte do meu corpo. Como eu morava na várzea, no inverno, na enchente, sair de casa, era pôr o pé na canoa. Minha casa ficava em cima das águas e cercada por elas de todos os lados. Quando entrava nelas, era como se eu me libertasse. O remo era mais que companheiro, fazia parte do meu corpo. E o destino era o meu rumo. Aí eu viajava por muitos mundos. De casa mesmo, pra comprar qualquer coisa na venda do vizinho, as distâncias se desdobravam. Hoje, eu sei que nessas épocas, eu vivia dos meus sonhos e da minha imaginação desembastada. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 20)

As águas. Aos rios da Amazônia. Este elemento da natureza engloba várias nuances do cotidiano do amazônida. O personagem Miguel, em todas as obras da tetralogia romanesca de Benedicto Monteiro, aponta a relevância e o impacto desta riqueza da Amazônia para os homens e mulheres desta região. Principal via de circulação, integra o amazônida, cuja realidade são as comunidades de ocupações distantes; liga o campo ao meio urbano; é o espaço de vivência do ideário mitológico amazônico, em que tantos seres tomam forma e fazem parte do dia-a-dia desses homens e mulheres; mas é na relevância para a vida produtiva do amazônida, que



este recurso da natureza é bastante revelado pelo escritor, através das memórias de Miguel, mais do que isso da relação identitária que se estabelece com o rio:

Como o senhor sabe, não gastei minha mocidade, com as águas. As águas sempre me acalmaram e até me conservaram. Ganhei foi minha vida, nessas águas, ao sabor e contra as correntezas. Nas vezes que ficava de bubuia, flutuando n'água ou descendo de canoa as correntezas, me esmerava nos meus pensamentos. Tanto o dia clareasse como a tarde escurecesse, eu ficava dentro de mim mesmo, escarafucando a minha alma. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.17)

Neste romance síntese, Miguel conta um pouco de sua vida desde a sua juventude, da importância da religiosidade para a sua vida, desde de a escolha de seu nome, por ser o nome de um arcanjo. A figura do padre, como autoridade sobre o ideário popular, lhe conferia conhecimentos sobre as histórias no antigo testamento, além de interpretações muito próprias sobre a relações entre o homem a divindade:

É até difícil – o senhor sabe – de imaginar como seria uma briga dessas entre os anjos do céu. Os anjos que ficaram ao lado de Lúcifer foram todos os derrotados e por isso, ficaram decaídos. Foram expulsos do céu para o inferno onde só existia fogo. Perderam as asas e chifres saíram de suas cabeças. Paresque, para poder viver dentro do fogo. Alguns dizem que eles têm também umas asas de morcego. E o Anjo Miguel? Ora, vitorioso, ele ficou no céu. Foi promovido a Arcanjo e por isso, ficou para sempre na divina glória de Deus. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 3)

Falando de sua juventude, de suas experiências de vida, Miguel relata dificuldades em construir laços afetivos verdadeiros. Primeiro, por conta de sua convivência escassa com sua família biológica, passando pelas dificuldades em aceitar as orientações de moral duvidosa do seu padrinho Possidônio, que desejava e ele se tornasse o maior cangaceiro da Amazônia; chegando até a sua dificuldade em construir um relacionamento afetivo estável, daí o caboco ter sete filhos de origens étnicas diferentes, o que evidencia a virilidade relacionada ao mestiço amazônida, assim como multietnicidade e, portanto, o multiculturalismo característico da região.

Isso porque a história da ocupação das terras na Amazônia segue uma diversidade de origens étnicas e culturais, o que é bem explícito nesta obra literária. Seguindo a perspectiva de cultura enquanto construção a partir de uma pluralidade de origens, com diferentes características.

Por isso, a teoria sobre cultura tem sido progressivamente substituída pela idéia de culturas, uma pluralidade que inclui a cultura da elite, mas também a de diferentes grupos sociais, denotando as diferenças a respeito das etnias, nacionalidades, sexualidades e gerações. Nessa complexa relação de significados, de forma diferenciada, é que surgiu a perspectiva multicultural. Assim, afirmar que nossa sociedade é marcada por uma diversidade cultural significa reconhecer a pluralidade de grupos sociais, étnicos e culturais que a compõem. Significa, também, valorizar a riqueza que essa heterogeneidade traz à sociedade e rejeitar quaisquer mecanismos discriminatórios contra grupos que se manifestem em seu interior. (MACHADO, 2002, p. 31)

Entrando, no foco da narrativa, Miguel fala da importância das Águas para sua personalidade inquietante, que o leva a ter como principal característica, o que considera o seu destino mais importante, que é ser viajante. As águas são a direção e o meio de explorar as matas, as margens dos rios, o que o faz viver todo o ideário fantástico da região, como no caso de uma luta travada com uma entidade mitológica da região, que veio das águas.

É no contexto das Águas que se configura a identidade do Amazônida, narrada através desta obra síntese, que conta a experiência do personagem que representa o homem da região. Um dos aspectos explorados na narrativa é a questão da habilidade do personagem em conhecer a característica hidrográfica da região, mostrando habilidades de navegação. Além da questão do ideário mitológico da região, que reside nas águas, que é contado na obra através da experiência de Miguel com rio.

As águas o fazem chegar à capital do Estado, Belém do Pará, para viver a experiência do Círio de Nossa Senhora de Nazaré festa religiosa católica, que ocorre no segundo domingo de outubro. Durante o trajeto à capital, o caboco conhece Jandira, uma mulher charmosa intrigante, livre e moderna e passa a ser, na cidade, o único laço e a única referência. Miguel jamais conhecera uma mulher como essa, que determina o ritmo da relação amorosa estabelecida entre o casal, que o leva a conhecer lugares interessantes, e o ajuda a ter uma renda para manter-se na cidade de Belém.

Ao viver a experiência do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Miguel dos Santos Prazeres reviveu o fascínio que tinha com os shows de pirotecnia, os fogos de artifício, que encantam a festa em vários momentos, do início até o final. Essa experiência o faz reviver o momento tenso que viveu em Alenquer, quando da festa do Padroeiro da cidade, queria homenagear o santo, para cumprir sua promessa feita.

O que foi confundido pelo coronel da ditadura militar com plano contra o regime. Aspecto de sua vida que já fora contado pelo personagem nos outros romances.

Entretanto, as águas continuam exercendo um grande fascínio sobre Miguel, que passa a viver na cidade. Passou ver todas as suas mazelas como a pobreza, a violência e a falta de segurança, o que o faz relativizar todas as suas bases, todas as suas certezas, inclusive a efetividade da sua “macheza” e da arma que sempre usara para se defender, inclusive, contra cobra grande no seu habitat originário, o seu terçado, inútil e inofensivo contra os bandidos munidos com arma de fogo, inclusive foi por conta desta arma de Miguel fora preso, pela primeira vez.

Num primeiro momento, tentou a vida como trabalhador portuário avulso, depois como taxista, tentando se adaptar à Vida na cidade, sem sucesso. Tentou estabelecer um relacionamento com Jandira mas esta era uma mulher livre demais, para tanto. Conheceu Riomar, uma mulher simples, que morava pelas redondezas. Quando decidiu, que aquele não era seu lugar e queria voltar para as águas. Comprou um barco e se dirigiu às Ilhas do Marajó. Um dia, sofreu um assalto e fôra preso por suspeita de tráfico. Com ajuda de Anacleto (seu amigo) e de Jandira, livrou-se das acusações e retornou às águas novamente, sem destino e sem lugar para chegar, assim, seu único lugar enquanto homem amazônida: as águas, sua rua. *O poeta Rui Barata já tinha dito numa canção: “esse rio é minha rua”, mas como então, eu podia dizer agora o contrário: essa rua é meu rio.* (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.51)

Violência e problemas sociais são outros aspectos que surgem da experiência do personagem Miguel nesta obra síntese. Ou seja, sua experiência como taxista leva Miguel a conhecer o ambiente urbano de uma forma diferente de suas expectativas, o que o leva a uma saturação da experiência ao final da narrativa.

Contextualizando esta última obra da saga de Miguel, o escritor, perseguido pela ditadura, teve seu trabalho político interrompido. Mas a literatura foi o seu instrumento de continuidade de uma atividade escolhida ainda na juventude:

E mesmo depois de seu retorno à militância política, quando foi absolvido do processo que foi instaurado pela Justiça Militar, Miguel dos Santos Prazeres, perfilado em “Verdevagomundo”, “O minossauro”, “A terceira margem” e “Aquele Um” e depois em “O homem rio”, continuou sendo meio e fim de todo o seu ideário e de seu imaginário poético. (MONTEIRO, Trecho de entrevista concedida em 28/02/2019 - anexos)

Assim, a escritora Wanda Monteiro define o impacto literário e político destes últimos passos na saga do personagem Miguel. O que a história acaba caracterizando como a obra síntese desta tetralogia, que aponta indícios importantes sobre a educação e a cultura dos povos da Amazônia, através do olhar do amazônida, na obra de Benedicto Monteiro.

A obra termina com o retorno do personagem ao seu habitat mais importante, que é o Rio, ao concluir que esse é o único espaço em que ele exerce seus saberes e sintetiza suas experiências como Amazônida. É o único lugar aonde todo o seu conhecimento e sua existência fazem sentido. É onde sua identidade como amazônida se materializa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### ➤ **A ficção, os saberes, a formação e educação do homem amazônico.**

#### **1. O que surge da diversidade**

As histórias contadas por Benedicto, através do caboco Miguel, mostra que a Amazônia é um espaço-tempo em que a diversidade étnica produz grande riqueza cultural. Ou seja, percebe-se que a origem de ocupação desta região se dá através de várias origens étnicas, o que é percebido através dos detalhes revelados ao longo da tetralogia nos saberes dos homens da floresta. Essa percepção se dá, principalmente, através da história de vida do personagem, tendo ele filhos com mulheres de sete origens étnicas diferentes, de modo a tornar toda a diversidade de forma mais evidente: seu filho de origem caboca, para mostrar a existência da própria natureza multiétnica da região; os de origem japonesa, turca e portuguesa mostra a relevância histórica da imigração destas etnias para a região norte; as etnias negra e os nordestinos (abarcando aí formação étnica historicamente constituída especificamente) se deu em virtude da própria história de ocupação do Brasil.

Mas a forma como a multietnicidade fala ao leitor através do personagem evidencia aspectos gerais que constroem os saberes e forma de ser do amazônida, que perpassam por todas as suas práticas de vida e trabalho. A medicina dos povos da floresta é sempre envolta por elementos da natureza e do imaterial. Assim, Miguel fala de uma experiência que comprova, para ele, a eficácia dessas práticas, em “O minossauro:

Na cura contra a febre, acho que meu padrinho tinha tomado parte. Não sei se com suas rezas de resmungos e silêncios ou com alguma coisa que ele tenha colocado escondido água. Ele possuía quengos. Febre, malária, eu já sofria desde de muito antes, acho que até desde criança. Mas, maligna, a terçã maligna, foi a única febre que me derrubou no fundo duma rede que fiquei lá embaixo. Meu padrinho não deixou que me dessem remédios de farmácia. Meu pai, dessa feita também não conseguiu nada com os pretos. (MONTEIRO, 2010, p. 19)

Importante perceber que o autor apresenta, sob o olhar da ficção, como sendo descrita por um caboco amazônida, o multiculturalismo. Este aqui passa a ser tudo

aquilo no qual se constitui a cultura a partir de elementos que se originam geograficamente em pontos diversos, no Mundo e no Brasil, se configurando num todo que sofre as influências de um processo de globalização e de urbanização, num processo de dominação. E é dentro no cotidiano comunitário que se tem a resistência, através dos processos educativos não formais ao processo de globalização, através da linguagem oral, que permite a sobrevivência dos elementos culturais oriundos da diversidade amazônica.

Assim, não se pode dimensionar a origem dos componentes mitológicos que tomam forma de elementos na natureza e podem estar relacionados às origens indígenas ou africanas, com influências das outras etnias e assumem tanto destaque nas narrativas cabocas e assumem configurações identitárias que sobrevivem através da oralidade, como nos conta o próprio Miguel:

Pois imagine, entre a cabeça do búfalo e do jacaré, apareceu a cabeça de uma cobra. Só os olhos brilhantes e a língua como se fossem chamas de fogo davam forma para essa nova cabeça. Os olhos vermelhos do búfalo, os olhos brilhantes da cobra e a sua língua de fogo eram as únicas coisas que iluminavam aquele escuro. De repente, no meio daquelas sombras meio confusas, apareceu um bico de pássaro tipo água. E pra me confundir ainda mais, surgiu do nada, uma cabeça de peixe. A boca cheia de dentes enormes. Podia ser até uma piranha gigante, mas também podia ser uma piraíba, que é uma espécie de tubarão de água doce. Havia também uma cabeça que aparecia e desaparecia naquelas sombras. Não dava pra distinguir se era um sapo ou um morcego. Mas quando esse tal de animal fantasma virou verde-sombra, a luz da poronga alumiu um imenso lagarto. Não, não era um lagarto, era uma camaleão verde-negro. Bem verde, de um verde desconforme. Estava mais pra dragão, pelo tamanho e pelo fogo que saía pela sua boca e pelos seus olhos que tinham um brilhar esquisito. Aquele fogo que saía dos olhos do búfalo e dos olhos e da língua da cobra era o mesmo que saía da boca do camaleão preto todo esverdeado. (MONTEIRO, *O homem rio*, 2008, p.142)

O trecho da obra *O homem rio* é longo, mas sua densidade de descrição permite traduzir a forma como o homem da floresta vê seus personagens mitológicos, que são tão presentes no ideário popular. O compartilhamento dessas crenças, através da linguagem oral evidencia posturas e modos de pensar e atuar no mundo, ou seja, são também fatores identitários. Logo, a linguagem oral é muito importante para estes processos de educação não formais que estruturam uma cultura que ocupa espaços marginalizados no contexto amazônico.

## 2. A diversidade marginalizada

A obra do escritor paraense Benedicto Monteiro tem um valor histórico consistente, por ser capaz de contar fragmentos da história dos povos da Amazônia, através do paralelo entre contexto mundial e local. Interessante esta característica, visto que a região, como parte da América Latina, onde Canclini (2008) fincou seus estudos sobre os conceitos de contato e hibridização cultural, para os quais essa questão geográfica é de fundamental relevância para a compreensão, assim como para se desenhar atuação estatal, sugerida. Com esta estratégia, o romancista traz o leitor para dentro das narrativas, aproximando através dos elementos históricos, como fatos e descrição do ambiente. Este recurso é bastante evidente nas obras, como se observa:

Rádio-do-carro: O assalto desta vez foi num dos edifícios mais luxuosos de Belém, o Atlanta, que fica na Doca de Souza Franco, um dos mais movimentados pontos da cidade. Os bandidos entraram e roubaram jóias valiosas, e grande quantidade de dólares de pessoas da alta sociedade. Mas não se sabe até agora quantas jóias, os valores, e a quantidade de dólares que eles levaram. Ou se foram recuperados. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.151)

Em outros momentos, há descrição do ambiente de forma a caracterizar o espaço-tempo em que o personagem Miguel vive suas experiências e narra como pensa e vive o homem na Amazônia:

Olhe só, quantos rios por aí. Como já lhe falei, mas é bom sempre lembrar. Desde o grande rio Amazonas trazendo águas lá do Perú, até o Tocantins que vem do centro do Brasil, deságuam em frente de Belém. E ainda tem os menores, como o Capim, o Guamá, o Acará, Moju e o próprio rio Pará. Por falta de rio, penso que não vou morrer de saudade, pois foi nos rios que eu me criei e sempre viajei. (MONTEIRO, O homem rio 2008, p.14)

Assim, o personagem Miguel representa um homem (o amazônida) que vive num contexto histórico marcado pelo período da ditadura militar e pela dominação do ambiente rural por parte da cultura urbana, a qual invade a floresta e seus homens. Na narrativa apresentada por Benedicto na obra síntese da tetralogia, o seu personagem elo migra para a capital, de modo a materializar todas as dificuldades de

adaptação ao centro urbano, em razão de parâmetros diferentes de produção e subsistência e do ambiente:

Estava enfim numa cidade-grande, por um tempo que eu não imaginava. Eu só tinha vindo pra Belém, por causa dos foguetes que espocavam na festa de Nazaré. O pessoal diz que Belém tem mais do que um milhão e quinhentos mil habitantes. Acho, que durante o Círio, essa população dobra. Pelo menos é o que se vê nas ruas. Mas eu, o que posso fazer numa cidade como esta? Sem rios, com seus igarapés reduzidos ao de estado de valas e com suas matas aprisionadas em bosques? Uma cidade, uma grande cidade, sim senhor, mas, onde, infelizmente, se fecham os horizontes. E eu tive que perder os meus rumos e todas as minhas distâncias. (MONTEIRO, *O homem rio*, 2008, p.45)

O dilema vivido pelo caboco Miguel mostra a realidade do amazônida, atraído pela cidade, pelo discurso de progresso e oportunidades, que foi popularizado no interior através do rádio – principal meio de comunicação aí utilizado – a partir do período da ditadura militar, no Brasil. No entanto, a formação do caboco, que se dá em meio social, na comunidade, de pai para filho, caracteriza os processos educativos não formais, que mantem práticas, tais como a agricultura, a pesca, a produção de farinha, a medicina popular, etc.

Em contrapartida, em ambiente urbano, a maioria das práticas laborais giram em torno de atividades que necessitam de instrução formal. Daí o surgimento de atividades que passam a absorver os cabocos que migram para a cidade. Na obra síntese, *O homem rio*, Benedicto representa da atividade do operador de carga avulso, o estivador, categoria que se destaca trabalhar sem vínculo efetivo, cujos direitos trabalhistas são garantidos através de organização cooperativa; assim como o taxista que trabalha como autônomo.

No entanto, poderíamos citar as diversas atividades informais, tão importantes no norte do Brasil. Sem a instrução formal, que os habilitem a exercer atividades importantes em meio urbano, o amazônida que migra para a cidade, é absorvido por atividades outras, que não estão relacionadas à instrução formal, como é o caso do taxista e do trabalhador portuário avulso (profissões exercidas por Miguel, ao chegar na capital), para a garantia do seu sustento.

Importante destacar que, diante das diferentes realidades que opunham a floresta e a cidade o caboco Miguel perde o norte de sua vida e jamais consegue adaptar-se e encontrar a felicidade. Tanto que, é sobre as águas que ele tenta buscar,



novamente um lar ou alguma coisa que se aproxime. Afinal, são tantos saberes que giram em torno da mata, das águas, dos animais que, em ambiente urbano, se tornam sem um sentido.

O rio, este elemento da natureza sobre o qual o amazônida aprende tantas coisas, como nadar, pescar, navegar, perceber as estações é, para o personagem, que apresenta ao leitor o olhar do escritor, o lugar mais importante da vida e das aprendizagens diversas, para os povos da floresta. Tanto que, ao final de sua saga o caboco Miguel encontra, nele, seu destino:

Ah, meu senhor, a coisa mais triste que aconteceu comigo nesta viajada toda, foi descobrir esta maior lacuna da minha vida: sou um homem que não tem um lugar, não tenho um lugar para donde eu voltar. Posso lhe dizer, que essa é a maior solidão.

Partir, chegar, viver. Eu já estou cansado. Mas voltar pra onde? Meu Deus! Pra onde voltar?

Sigo viagem. Mas vale voltar para as águas dos rios. Encontrar com as linhas d'água. Vencer distâncias. Como já lhe disse, são os rios que dão o destino de minha vida.

(MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 199)

### **3. Miguel nos dias atuais.**

Olhar para a Amazônia através dos olhos de Miguel é encontrar com as contradições e conflitos pelos quais o nosso personagem passou e relata nos romances. Esses conflitos, em geral, giram em torno da oposição entre o interior e cidade, tais como as diferenças demográficas – se, por um lado, o interior apresenta uma esparsa concentração de pessoas, por outro, na cidade, há maior concentração, o que requer um ritmo mais acelerado; diferenças de organização produtiva e de subsistência, ou seja, enquanto no interior, as atividades produtivas estavam relacionadas às águas e à terra, na cidade, a produtividade está voltada para os a indústria, comércio e serviços, o que requer habilidades formais.

Até na minha casa, eu chego ou saio pra fazer o meu serviço. Quando eu chego ninguém me espera e quando eu saio, é apenas pra chegar no meu ponto de trabalho. O senhor nem pode imaginar como me fazem falta as distâncias. A amplidão do céu e os caminhos das águas. E principalmente aquele puro sentimento de liberdade. Depois que eu comecei a trabalhar nesta cidade, foi que eu fui dar valor pra liberdade que eu gozava. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 151)

Para tanto, somente o debruçar sobre as obras que contam a saga deste personagem, nos permitirá esta compreensão. Assim, para que o estudo não encontrasse as barreiras tempo, teve como foco o final da saga, na sua obra síntese, O homem rio. As outras obras também ilustraram o objeto de estudo, pois são importantes para entender como o autor organizou a narração das experiências e o contexto histórico.

Acerca deste último aspecto, se passa desde o período da ditadura militar, no Brasil, aos anos 2000. Daí a apresentação de um texto literário atual, que coloca a realidade local diante do contexto mundial. Para tanto, o rádio, surge como o veículo de informação para o personagem, dado seu impacto de relevância no que tange ao acesso às informações, em lugares mais remotos, até os dias atuais.

Radio-do-carro: Atenção, atenção! Sensacional notícia: o Governo Federal atual, como todos os anteriores, acaba de assinar um acordo com o FMI, Fundo Monetário Internacional, para receber 30 bilhões de dólares de empréstimo. Tal dinheiro vai servir apenas para pagar os juros da nossa dívida externa, do ano em curso. Essa dívida já monta a mais de 600 bilhões de dólares ao próprio Fundo e aos bancos estrangeiros. O principal acionista do FMI é o Estados Unidos da América do Norte. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 133)

Mas o principal resultado obtido com as pesquisas é de que a relevância geográfica dos processos educativos não formais para o amazônida, em relação à subsistência e ao espaço do homem no mundo reside, justamente na relação de marginalização da floresta (ou campo) em relação à cidade. O movimento histórico da globalização age sobre os povos da floresta como um processo de dominação da cultura urbana. E assim, a instrução formal configurou-se como a única realidade com relevância socialmente aceita.

Diante disso, os processos educativos não formais, muito além das habilidades produtivas, estão relacionados às práticas artísticas, medicinais, religiosas, etc. Dentro do contexto do caboco amazônida, é o mais importante e tem resultados visíveis, sobre a sobrevivência, à identidade, ao pertencimento, à produtividade, à atuação deste homem no Mundo, sendo fruto da memória e das práticas orais. O que foi cartografado por Benedicto, em um momento em que Miguel, ao final de sua saga, consegue mapear os entendimentos acerca da linguagem de cada localidade por onde passou ao longo de suas viagens.

O principal fator que comprova que a instrução formal não se sustenta como único processo educativo, é a realidade atual, em que o Mundo vive uma pandemia, causando prejuízos para todas as áreas de atuação humana e impossibilitando o retorno seguro das atividades em sala de aula, dando maior destaque para a educação em ambientes não escolares.

O olhar sobre esta relevância demanda reconhecimento e valorização por parte do próprio Estado, no sentido de reconhecer as práticas não formais de ensino, a linguagem praticada pelas comunidades rurais da Amazônia, suas práticas orais, as práticas medicinais, a mitologia, como patrimônio imaterial, cuja resistência pode receber o suporte de políticas públicas, como sugere, no contexto da América Latina, CANCLINI, 2008.

## Homenagem ao talento com a beleza da poesia

### **Amazônia: Me sangram**

Me sangra, madeireiro ilegal. Pensas que, derrubando uma árvore de grande porte, estás clareando o tempo, penetrando o sol dentro das folhagens? Secando a terra e afastando os verdes para nunca mais? Quantas árvores menores, plantas, ervas e redes de cipós são mortos nas caídas das árvores derrubadas? Quantas folhas, flores e sementes caem e desaparecem, no ferrenho grito de motosserras? E quanta seiva, látex, lágrimas se espalham sem deixar vestígios na fotossíntese?

A árvore está morta.

Nem deu tempo de escutar o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, o farfalhar das asas minúsculas que conduzem o pólen. Nem deu tempo de escutar os estalidos dos cipós, quebrando os seus mil torcidos de ramagem. Nem deu tempo de sentir a respiração das folhas e das flores. E o vento e o sol e a chuva, que cobriam todos os galhos? Como vão pousar, soprar e cair no clarão da floresta? Golpes de machados e rangidos de motosserras ficarão sendo sons iníquos, enquanto o suave filtrar da mata virgem se cruzará com o suor dos operários.

Quem é capaz de comparar a vida de sacrifício dos desmatadores, no trabalho escravo, vítimas dos desgovernos, no centro da mata mais longe e mais espessa, com o sacrifício da vida de todos.

Quantos morrem nos golpes dos machados e de motosserras? E depois, quando o fogo queima o resto da mata em terríveis labaredas? O vento, aí, mistura-se com o fogo e penetra em todos os vãos da mata esquarterada. Tudo deixando a terra negra sangrando de secura.

Será que nunca um madeireiro ilegal conseguiu conceber o sacrifício da mata, o estertor de uma floresta, a agonia das pequenas plantas? Será que ele nunca conseguiu ouvir o tremor da terra, que é arrancada das suas mais íntimas entranhas? E os rios, os furos e igarapés que perdem a sua cobertura e secam cada vez mais com o sol? Não sei que concepção os madeireiros têm da vida. Será que eles pensam apenas que a sua vida é a única e primeira? E que só ela tem a permissão de viver neste planeta?

Rios que deságuam com as balsas cheias de madeiras roubadas, estradas que se abrem para os tratores e para os caminhões penetrarem e devassarem as florestas. Florestas que se extinguem para dar lugar aos serrados ou aos campos de capim plantados para o gado. Deixam manchas, áreas enormes, despidas das vidas visíveis e invisíveis, vidas dos milhares vidas da biodiversidade. Aviões que pousam em aberturas escondidas das matas, e estradas que só os tratores podem passar.

Tu que me sangra, me queima e me mata, madeireiro ilegal.

Enquanto os governos e os fiscais se debatem entre papéis burocráticos ou recebem o dinheiro para deixar a madeira passar, o meu corpo, aqui na Amazônia é imenso e sofre.

As cidades devem ser construídas com os homens para durar e perdurar para as gerações futuras.

Enquanto tu me sangras, a vida visível e invisível das matas virgens é roubada ou soprada com os ventos e queimada pelo fogo e pelo sol. Eu já sinto das chuvas para mim, para os homens e para os rios que vão secar.

*Benedicto Monteiro*

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Tradução Norma Telles. Organização e notas Suzzane Bachelard. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós os humanos do mundo à vida, da vida à cultura** / Carlos Rodrigues Brandão. – São Paulo: Cortez, 2015.
- BOSI, Alfredo (Org.) **Cultura Brasileira – Temas e situações**. 4ª Edição. 5ª Impressão. Editora Ática: São Paulo/SP.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da história: novas perspectivas** / Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural** – Revista ampliada, 2ª ed.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **CULTURAS HÍBRIDAS**. São Paulo: EDUSP, 2008. Introdução à edição de 2001. As culturas híbridas em tempos de globalização.
- \_\_\_\_\_. **CONSUMIDORES E CIDADÃOS. Conflitos multiculturais da globalização**. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade** / Joël Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. – 1. Ed., 3ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2016.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5ª ed. revista. São Paulo, Editora Nacional, 1976.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1- A Sociedade em Rede. Volume 2- O Poder da Identidade Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do Labirinto. Figuras do pensável**. Volume VI. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CASTRO, José Guilherme. **A aventura mítica de Miguel dos Santos Prazeres** / José Guilherme de Oliveira Castro. Belém: UNAMA, 2001.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**/Tradução: Bruno Magne. – Porto Alegre, RS: ARTMED Editora, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A força das representações: História e ficção**/João Cezar de Castro Rocha (Org.) – Chapecor, SC: Agos, 2011.
- CRESPI, Franco. **Manual de Sociologia da Cultura**. Tradução: Tereza Antunes Cardoso. 1ª Ed.Editoral Estampa: Lisboa-Portugal.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem** / Gilbert Durand; Tradução Renée Eve Levié. - 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FERREIRA, Jerusa Pires. **A armadilha da memória e outros ensaios** / Jerusa Pires Ferreira. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick; trad. Sandra Netz. – 2. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

GAY, Peter. **Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann** / Peter Gay. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos Essenciais da Sociologia**. Tradução de Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2ªed. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

LE MOS, Luís do Couto Neto e. **Ditadura, anistia e transição política no Brasil (1964-1979)** / Renato Luís do Couto Neto e Lemos. – Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**/João de Jesus Paes Loureiro. – Belém: CEJUP, 1995.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**/ Cristina Gomes Machado. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MAIGUENEAU, Dominique. **Termos-Chave da Análise do Discurso**. Márcio V. Barbosa; Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MONTEIRO, Áurea Nina. **Os Silêncios da Cubinha**. Alenquer: Gráfica Brasil, 2014.

MONTEIRO, Benedicto. **Aquele um**. 4ª. edição. Belém: Editora Amazônia, 2009.

MONTEIRO, Benedicto. **A terceira margem**. 3a. edição. Belém: CEJUP, 1991.

MONTEIRO, Benedicto. **O Homem rio: A saga de Miguel dos Santos Prazeres** - 1ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2008.

MONTEIRO, Benedicto. **O minossauro** - 4ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2010.

MONTEIRO, Benedicto. **Verde vago mundo** - 2ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2009.

NASSER, Ana Cristina (Tradução). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** (vários autores) – 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.-Coleção Sociologia.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos.** Campinas/SP: PONTES, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** / Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016 – Coleção idéias.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma Crítica a Afirmação do Óbvio.** Tradução de ORLANDI, Enid [et al]. Campinas/SP: UNICAMP, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** V1 São Paulo: CORTEZ, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira: O que é, como se faz.** 4 ed. Sorocaba, São Paulo: Loyola, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos.** Tradução do original francês de Haiganuch Sarian. São Paulo: Difusão europeia do livro, EDUSP, 1973.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia & Análise da conversa.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Puc-Rio, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento.** Tradução do original francês de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997 – 35 p.

CASTRO, José Guilherme. **A viagem mágica de Um Herói Amazonas Miguel dos Santos Prazeres.** Tese de Doutorado Rio Grande do Sul Pontifícia Universidade Católica, 1997.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **Elementos míticos no "Minossauro"**. 1983. 171 p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Universidade de Brasília, UNB, Brasília 1983.

SILVA, Isabel Cristina Mendonça de. **Faces do trágico no personagem Miguel dos Santos Prazeres da tetralogia monteriana.** Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

SILVA, Marcel Franco da. **O Precipício: um tecido de muitas vozes.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa) – Orientador: Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos, Belém, 2010.

CASTRO, José Guilherme e TEIXEIRA, Lucilinda. **O herói na tetralogia amazônica, de Benedicto Monteiro.** Revista Cocar: Periódicos UEPA. V 04. N 08. 2010.



POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução do Francês de Dora Rocha Flaksman. Estudos Histórico, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. [<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>]

RODRIGUES, Denise Simões e MELO, Maria Lúcia. **Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental**. Revista do Centro de Educação da UFSM. v. 45 |2020

RODRIGUES, Denise Simões. **Política, memória e educação na Amazônia paraense nos períodos colonial e imperial à luz da teoria de Cornelius Castoriadis**. Projeto História, São Paulo, v. 60, pp. 252-280, Out-Dez, 2017.

MONTEIRO, Benedicto. **Benedicto Monteiro e o homem do equador**. Entrevista concedida a Mario Drumond. Café novo mundo. 01/2005. Disponível em: <https://www.cafenovomundo.com.br/marioobras/entrevistabenedicto.pdf>. Acesso em: 20 de Out de 2019.

PACHECO, Abilio. **AQUELES UNS E AQUELES OUTROS UNS: Testemunho na Tetrilogia Amazônica de Benedicto Monteiro**. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522197785.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522197785.pdf). Acesso em 18 de Out de 2019.

SILVA, Marcel Franco da. **A cosmogonia de um caboclo amazônida na literatura de Benedicto Monteiro**. Estudos de Religião. v. 28, n. 1 • 87-108 • jan.-jun. 2014 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078 DOI: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n1p87-108>. Acesso em 15 de Nov de 2018.

## FONTES VIRTUAIS

RBA – Rede Brasil Amazônia de Comunicação. **DIÁRIO DO PARÁ: Benedicto Monteiro: romancista dos amazônidas**. Belém, PA: RBA c2010. Disponível em: [http://www.diariodopara.com.br/hotsite/orgulhodopara/noticias\\_cont.php?idnot=83992](http://www.diariodopara.com.br/hotsite/orgulhodopara/noticias_cont.php?idnot=83992). Acesso em: 20 de Jul de 2020.

DIÁRIO ON LINE. **Personalidades históricas no Pará: Benedicto Monteiro**. Belém: TV RBA, vídeo 3min.18 (três minutos e dezoito segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xhQt9pEyDmc&feature=youtu.be>. Acesso em: 20 de Mar de 2018.

FONTOLAN, Conceição. **Baixo Amazonas**. In: Professora Conceição – Geo Conceição. Blogger Geo – Conceição. Itajaí-Santa Catarina. 22 de Jan de 2019. Disponível em: <http://geoconceicao.blogspot.com/2019/01/>. Acesso em 15 de Jul de 2020.

LIVRONAUTAS. **Benedicto Monteiro – Biografia**. In: Libronaltas. Local e data não disponíveis. Disponível em: <http://www.livronautas.com.br/ver-autor/5444/benedicto-monteiro>. Acesso em 30 de Jun de 2019.

PINTO, Lúcio Flávio e PINTO, Raimundo José. **Grandes entrevistas: Benedicto Monteiro**. In: José Domingos de Brito – Tiro de letra, Belém-PA, 29 de Jun de 2008. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/BenedictoMonteiro.htm>. Acesso em 30 de Jun de 2019.

VIEIRA, Sílvia. **Alenquer completa 137 anos mergulhada na pior crise de sua história recente**. In: G1 Pará/Santarém e Região – Tv Tapajós. Santarém-Pará, 09 de Jun de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/alenquer-completa-137-anos-mergulhada-na-pior-crise-de-sua-historia-recente.ghtml>. Acesso em: 29 de Jun de 2020.

## APÊNDICES

## ANEXOS

## Entrevista concedida pela escritora Wanda Monteiro, filha do Escritor Benedicto Monteiro e curadora de sua obra

28 de fevereiro ·

O escritor Benedicto Monteiro era um bisexto, nasceu no dia 29 de fevereiro - mas comemorava seu aniversário dia 01 de março pois foi registrado nesse data - por essa razão faço, desde hoje, minha homenagem a esse homem que se apresentava assim. \_\_\_\_\_" Sou um homem cúmplice do passado, contemporâneo do futuro e vivo de mãos dadas com o futuro."

\_\_\_\_\_ O "O Homem Rio" foi a última e mais dolorosa obra escrita por Benedicto Monteiro, esse livro apresenta a saga de Miguel dos Santos Prazeres, na busca de um novo lugar e na busca de respostas para sua visão de mundo. Uma história que demonstra o quão impactante é a descoberta da cidade grande para o homem ribeirinho – é a história de muitos Beneditos contada por Miguel.

Miguel dos Santos Prazeres trata-se, na verdade, do alter-ego de Benedicto Monteiro. Atesto isso pelo que conheço de sua obra e por ter acompanhado de perto grande parte de todo o seu processo de criação literária e produção editorial de sua obra. A gestação de Miguel foi iniciada com o Conto "O Precipício" - publicado na Revista Norte Nº 1, em 1958- e começou a evoluir a partir do livro de contos "Carro dos Milagres". O dizer de Benedicto Monteiro, no que tange à sua proximidade e cumplicidade com a natureza, e, sobretudo no que diz respeito as suas angústias e inquietações frente às injustiças sociais, à intolerância e ao preconceito por parte das classes dominantes e dominadoras, se faz pela fala de Miguel.

Esse dizer é o que constrói todo o eixo político de sua obra literária. Miguel diz em sua prosa, vestida de poesia e circundada pelo devaneio verde e líquido do caboclo ribeirinho, o que Benedicto Monteiro não pôde dizer na linguagem dos discursos, na retórica de sua oratória, num momento em que lhe foi usurpado o direito de se expressar como cidadão e político. Esse direito lhe foi usurpado pelo Golpe Militar de 1964, nesse momento de sua vida, ele recorreu à literatura para expressar livremente o seu pensamento. E mesmo depois de seu retorno à militância política, quando foi absolvido do processo que foi instaurado pela Justiça Militar, o Miguel dos Santos Prazeres, perfilado em "Verdevagomundo", "Minossauro", "A Terceira Margem" e em "Aquele Um" e depois em "O Homem Rio", continuou sendo meio e fim de todo o seu ideário e de seu imaginário poético.

Miguel Dos Santos Prazeres, personagem-elo de sua saga amazônica passou a ser o leito fecundo de um rio que Benedicto Monteiro mergulhou e navegou para manter vivo o seu sonho. O personagem serviu para guardar, viva, a voz e o grito contido do jovem político - e para dar ressonância à voz do Poeta que desenhou em prosa e verso sua memória de amor e dor, de vida e de morte, em defesa da Amazônia e dos Amazônidas. Benedicto criou Miguel para ser o guardião de sua Palavra-Raiz, Porta-Voz de seus Verbos, e o fez personagem de si mesmo: Uma Alegoria Viva de seu Sonho. Da fala de Miguel escorre o dizer do jovem inquieto e inundado de utopias, do poeta libertário e libertador, do político transformador ávido por conquistas e justiça sociais. A linguagem de Miguel é arquitetada pela fala de todos os Benedictos e carrega em si, a síntese de todos eles: do Amazônida que carrega toda a herança memética de uma civilização de gente vivente e movente desse mundo de águas e, de gente que nasce encantada, que vive no espanto, que cresce e morre dentro da natureza sentindo-se parte dela – só parte dela e, nunca, mais do que ela.

Wanda Monteiro



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia  
Tv. Djalma Dutra S/N – Telégrafo  
[www.uepa.com.br](http://www.uepa.com.br)

UEPA-CCSE

